

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
ESCOLA DE BELAS ARTES  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM TEATRO

Anair Patrícia Braga Moreira

**A TRAJETÓRIA DE UMA EDUCADORA NEGRA EM FORMAÇÃO:  
princípios e práticas com o teatro e a lei 10639/03**

Belo Horizonte  
2016

Anair Patrícia Braga Moreira

**A TRAJETÓRIA DE UMA EDUCADORA NEGRA EM FORMAÇÃO:  
princípios e práticas com o teatro e a lei 10639/03**

Monografia apresentada ao Curso de Teatro  
Habilitação em Licenciatura da Universidade  
Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para  
obtenção do título de Licenciada em Teatro.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Carvalho de  
Figueiredo

Coorientador: Prof. Dr. Marcos Antônio Alexandre

Belo Horizonte

2016

*Aos meus professores, aos meus alunos, aos meus ancestrais, e em especial meus pais, minhas avós e a Débora Costa, minhas grandes referências.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à minha mãe e aos seus chás milagrosos que me acalmaram durante o processo de escrita, ao meu pai pela atenção e amor, aos dois por me incentivarem aos estudos e acreditarem no meu trabalho. Às minhas avós que são minhas referências. Aos meus alunos que são minha inspiração. Aos meus amigos queridos que tanto contribuíram e toparam embarcar no processo de construção da oficina e da intervenção: Ana Martins, Anderson Ferreira, Jozely Rosa, Débora Costa, Raine Campos, Priscila Tómas, Mariana Izidora e Halysen Félix. Aos colegas do Projeto Contos de Mitologia. À equipe pedagógica do Projeto Teatro InCurso. À Cia Espaço Preto. Aos professores e funcionários do Centro Teatro Universitário, Aos grandes amigos e companheiros da Tirana Cia de Teatro. À Família Juro Vou Cuidar de mim que foi meu alicerce e a todos os amigos e familiares que me mandaram energias positivas e foram cuidadosos comigo durante os 6 anos de faculdade. Ao meu irmão Wellington que consertou meu computador todas as vezes que ele insistiu em me deixar na mão. Aos meus professores queridos Marcos Alexandre e Ricardo Figueiredo que foram verdadeiros mestres amigos nesta minha caminhada na universidade. À Rikely que foi minha companheira nessa estrada de empoderamento e o ombro amigo nos momentos de angústias e descobertas. À Lorraine Drumond e à Marilene Veloso, sem vocês eu não sei como seria. E a todos os guias espirituais que me guiaram, me protegeram, me elucidaram e me trouxeram até aqui.

*“Laroiê Mojubá, Axé!”*

## SUMÁRIO

1 – INTRODUÇÃO.....	8
2 – “CONTAR-ME”: MINHAS ORIGENS, ANCESTRALIDADE e MINHA TRAJETÓRIA ESCOLA.....	12
2.1 – Na Escola .....	14
2.2 – Descobrindo-me Negra.....	17
3 – TRAJETÓRIA NA UNIVERSIDADE: DESCOBRINDO O PROJETO CONTOS DE MITOLOGIA, MEU ENCONTRO COM A “ESPAÇO PRETO” E A CRIAÇÃO DO PROJETO ENCRUZILHADAS.....	19
4 – AS HISTÓRIAS DO PROJETO LITERATURA AFRO-BRASILEIRA EM FOCO.....	32
4.1 – O Projeto.....	32
4.2 – A Oficina de Contação de Histórias para Educadores.....	33
4.3 – A VI Oficina de Sensibilização de Professores: para contar histórias.....	34
4.4 – A Oficina de Mitologia Africana Iorubá.....	36
5 – INTERVENÇÃO CORPOS NEGROS NA SAVASSI.....	44
6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
REFERÊNCIAS.....	53
ANEXO A.....	56
ANEXO B.....	59
ANEXO C.....	60
ANEXO D.....	62

## **Resumo**

O presente trabalho de conclusão de curso de graduação em Teatro - Licenciatura, apresenta a trajetória de formação da educadora e aluna Anair Patrícia e as práticas pedagógicas desenvolvidas no projeto de extensão “Literatura Afro-Brasileira em Foco” da Faculdade Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Partindo das inquietações da aluna dentro do curso de Teatro e da importância do Projeto na construção de ações pedagógicas para inserção da lei 10.639/2003 em escolas de ensino fundamental e médio da grande Belo Horizonte.

Palavras-chave: Formação; Contação de histórias; Lei 10.639/03.

## **Abstract**

This present Conclusion Graduation Work in Theatre - Licenciature presents the formation trajectory of the Student and Educator Anair Patricia and the pedagogic practices developed at the Extension Project "Afro-Brazilian Literature in Focus" of the Language Course of Federal University of Minas Gerais. From her concerns during the Theatre Course and the importance of this Project in the construction of educational actions for the insertion of the Law 10.639/2003 in elementary and secondary schools of the great Belo Horizonte

Key words: Formation, Storytelling, Law 10.639/2003.

## 1 - INTRODUÇÃO

*Quem não sabe da sua história, não sabe de onde vem e não sabe pra onde vai.*  
(MESTRA PEDRINA, 2016)

As histórias que me contaram sobre negros, durante minha trajetória escolar, falavam de um povo sem história, de um povo escravizado e sofredor, Nilma Lino Gomes observa:

No caso específico dos negros, as crianças convivem com uma visão distorcida da história dessa raça, seja através da omissão de fatos ou de uma visão desistoricizada. De um modo geral, a história, ao trabalhar com a questão racial, apresenta o negro somente como escravo, dando-nos a impressão de que os africanos trazidos para o Brasil já viviam nessa condição indigna desde que foram capturados pelos mercadores de escravos. (GOMES, 1995, p.58).

Pensando em um breve panorama histórico do negro no Brasil, podemos observar a negação da história, cultura e ancestralidade: Conta-se que, antes de serem retiradas de seus territórios em África, estas pessoas eram obrigadas a circular em torno de uma “árvore do esquecimento”, fazendo isso deixariam para trás seus nomes, costumes, cultura, enfim, fariam uma cisão com todas suas raízes ancestrais. Chegando ao Brasil, estes corpos foram classificados pela religião predominante como “corpos sem alma”, corpos inferiorizados, que deveriam ser catequizados para receber a salvação, corpos silenciados e subjugados, vistos como corpos sem história.

Pós-abolição estes corpos, esta raça, precisava ser extinta no país e apagada da história, a nação brasileira precisava ser “clareada” gradualmente. Surge a ideologia do Branqueamento, apresentada por Nilma Lino Gomes como:

A ideologia do Branqueamento refere-se a uma estrutura adotada no Brasil, após a abolição, que pretendia a reformulação étnica da população, associada ao pensamento de garantia do progresso e desenvolvimento da nação. Nessa política, encontra-se a ideia de que a miscigenação levaria o Brasil do futuro a assistir ao surgimento de um novo tipo racial que, logicamente, não estaria próximo ao negro, mas um tipo híbrido, mais aproximado do europeu. (GOMES, 1995, p.82)

Para além do objetivo de “clarear” a população, a ideologia do Branqueamento pressupunha, segundo Andreas Hofbauer “uma interiorização dos modelos culturais brancos pelo segmento negro” (HOFBAUER *apud* DOMINGUES, 2002). Foram realizadas diversas ações para instaurar o processo de branqueamento da população, dentre elas a entrada de imigrantes brancos e a naturalização do modelo branco, como referência para os valores e costumes. O reflexo desta ideologia é evidente na educação brasileira, quando se tem um ensino completamente eurocêntrico, muitas vezes com práticas que podem ser consideradas



racistas, aqui o racismo é compreendido como “imposição de valores da cultura dominante aos participantes das culturas que se pretende dominar” (GOMES, 1995, p.54), a autora ainda afirma:

O racismo assim compreendido pode ser constatado na escola brasileira, quando esta elege a cultura europeia como o padrão a ser alcançado, relegando os aspectos culturais das diversas raças/etnias presente em nosso país ao plano das meras “contribuições” de outros povos, de outras raças. (GOMES, 1995, p.54)

Foi negado ao negro brasileiro conhecer sua própria história dentro do ambiente escolar. No entanto, o Movimento Negro, atento a isso lutou para que o ensino da história do continente africano e suas culturas fossem obrigatórios nas escolas brasileiras, lutaram para que a história afro-brasileira fosse ensinada nessas instituições. A partir desta luta foram elaboradas várias ações que culminaram na lei 10.639/03<sup>1</sup>, uma vitória do Movimento Negro, segue o texto da lei sancionada em 9 de janeiro de 2003:

**Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003.**

Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.

Art. 1º A Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescida dos seguintes arts. 26-A, 79-A e 79-B:

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o **caput** deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

§ 3º (VETADO)

Art. 79-A. (VETADO)

Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como ‘Dia Nacional da Consciência Negra’.

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação. (BRASIL, 2003)

“Quem não sabe de sua história, não sabe de onde vem e não sabe para onde vai”, frase dita por Pedrina, mulher-negra-mestra-de-Reinado da cidade de Oliveira-MG, frase que evidencia a importância de se re-conhecer a história e cultura do povo negro para a construção da identidade negra.

Apesar da “árvore do esquecimento” e das ações ocorridas na ideologia do Branqueamento, os negros advindos da diáspora e os negros brasileiros mantiveram vivos em seus corpos elementos culturais não visíveis, como os valores, costumes e crenças que podem

---

<sup>1</sup> Ver: “*Movimento negro e educação*”, de Luiz Alberto Oliveira Gonçalves e Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva.

ser reconhecidos na arquitetura brasileira, na culinária, nos festejos, no vocabulário, nas manifestações culturais, dentre outros. A prática da Oralidade e os rituais religiosos conseguiram resguardar partes das histórias, memórias, cantos e mitos cantados e contados. Como levar estas manifestações culturais para a sala de aula e transformá-las em ações pedagógicas? Este é um desafio que precisa ser enfrentado pelos educadores e um dos questionamentos que abro neste trabalho.

Neste trabalho de conclusão de curso, vou narrar vivências que contribuíram para minha formação enquanto educadora negra, revelar fatos, pessoas e grupos que marcaram minha trajetória dentro e fora do espaço acadêmico.

Arrisco-me, a partir dos espaços da memória, a recontar histórias que ouvi, momentos que reconheci minha trajetória e quando comecei a ser uma contadora de histórias.

Retomo neste trabalho memórias da infância e traço uma linha temporal até minha chegada e trajetória na Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG.

No primeiro capítulo, apresento minhas origens e ancestralidade. Acredito ser importante começar com minhas memórias para fazer um exercício contrário ao que submeteram meus ancestrais na “árvore do esquecimento”.

No segundo capítulo conto minha trajetória dentro da Universidade e como me descobri negra neste espaço. Conto como busquei por referências, disciplinas e histórias que poderiam auxiliar-me no encontro de meus pares e na construção de minha identidade negra, entendida aqui como: (...) uma construção social, histórica, cultural e plural. Implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/racial, sobre si mesmos, a partir da relação com o outro (GOMES, 2005, p.43).

Narro também, neste capítulo, meu encontro com a “Cia. Espaço Preto” e com os Projetos “Contos de Mitologia” e “Literatura Afro-Brasileira em Foco”, grupos que me oportunizaram um olhar sobre minha história enquanto mulher-favelada-negra-lésbica-artista-educadora a partir da relação de ensaios, conversas e ações de extensão. Espaços onde me empodero diariamente, um empoderamento<sup>2</sup> político-social. Ainda chamo a atenção para a ausência de disciplinas e atividades formativas sobre Teatro Negro e a lei 10.639/03 no curso de Teatro da Escola de Belas Artes da UFMG. Apresento as ações desenvolvidas a partir do momento que encontro meus pares no curso e continuo a narrativa até o momento em que

---

<sup>2</sup> Empoderamento aqui entendido através da concepção de Paulo Freire, que vem a ser um modelo pedagógico fundamentado na “Educação para transformação” a partir de uma metodologia dialógica procurando construir a noção de “poder com o outro” (OLIVEIRA, 2008, p.109)

conheço as Formações Transversais “Relações Étnico-Raciais: História da África e Cultura Afro-Brasileira” e “Saberes Tradicionais”, ofertadas pela UFMG.

No quarto capítulo apresento o “Projeto Contos de Mitologia” e o “Projeto Literatura-Afro Brasileira em Foco” e as ações de extensão que realizamos, porém opto em destacar a “Intervenção Corpos Negros na Savassi”, uma ação do projeto em outro capítulo, para uma melhor compreensão do leitor.

Já no quinto capítulo apresento minhas considerações finais.

Imbuída de todo o processo de reconhecimento da minha cor e dos caminhos que venho percorrendo durante este empoderamento, constato a importância de registrar parte deste processo em meu trabalho de conclusão de curso como educadora em formação, entendendo-me também como produtora de história, por acreditar que nós negros precisamos registrar nossas pesquisas para impulsionar mudanças epistêmicas e também demarcar que, além de ocupar os espaços acadêmicos, nós negros estamos e vamos continuar produzindo pesquisas que falam de nossa história.

Opto em contar esta trajetória acadêmica por meio de uma *escrevivência*<sup>3</sup>, mas tendo em vista que as universidades primam um saber científico, busco dialogar aqui o saber acadêmico e o saber popular. Inicio aqui uma pesquisa que pretendo dar continuidade, sendo assim abro alguns questionamentos que não tem pretensão de serem respondidos agora, mas que me impulsionaram a escrever o trabalho que segue.

---

<sup>3</sup> Escrevivência é um exercício de escrita baseado na autora Conceição Evaristo que diz “Escrever pressupõe um dinamismo próprio do sujeito da escrita, proporcionando-lhe a sua auto-inscrição no interior do mundo. E, em se tratando de um ato empreendido por mulheres negras, que historicamente transitam por espaços culturais diferenciados dos lugares ocupados pela cultura de elite, escrever adquire um sentido de insubordinação.” (EVARISTO, 2007, p.20-21)

## **2 - “CONTAR-ME”: MINHAS ORIGENS E ANCESTRALIDADE, MINHA TRAJETÓRIA ESCOLAR E COMO ME DESCOBRI NEGRA NA UNIVERSIDADE**

Eu Anair, sou duas, metade Ana: nome de minha avó paterna, lavadeira de Almenara, analfabeta, “macumbeira”<sup>4</sup> e mãe de seis filhos, cada um de um pai, fugiu de Almenara-MG por apanhar do marido e na capital lavou roupa e fez faxinas pra conseguir alimentar seus filhos. Metade Nair: nome da minha avó materna, costureira, evangélica, analfabeta e viúva, criou dez filhos catando lavagem, costurando e vendendo verdura depois de fugir da cidade Mutum-MG, onde seu marido foi morto por enfrentar um fazendeiro que se apropriou de suas terras. Ana e Nair vieram para o Morro do Papagaio, onde criaram seus filhos e hoje eu sou uma das únicas descendentes que concluiu o Ensino Médio e está em uma Universidade Pública.

Sou a ANAIR, filha do Carlos, negro, serralheiro e artesão, estudou até a oitava série, conseguiu comprar uma casa fora da favela e sempre me contou histórias de como o Morro era na sua infância, de como se tornou presidente de um dos primeiros times de futebol da favela, o Grenal, que segundo ele, além de treinar os meninos, possibilitava o afastamento do tráfico. Filha da Edir, negra, faxineira, estudou até a terceira série, tem largo conhecimento sobre as ervas e faz a melhor costelinha de porco que eu já comi na minha vida, minha mãe também me contava histórias de sua infância, relatando que nunca teve amigos na escola, e vez ou outra batia em alguns que zombavam de seu cabelo.

Eu sou Anair Patrícia Braga Moreira nascida em 1988, ano do centenário da “Abolição” da Escravatura no Brasil, mulher, negra, atriz, lésbica, filha única por parte de mãe e com um irmão por parte de pai, sou nascida e criada até os sete anos no Morro do Papagaio em Belo Horizonte-MG e hoje sou moradora da periferia de Ribeirão das Neves-MG, classe popular, estudante de Artes-Teatro oriunda de escola pública.

No Morro do Papagaio, também conhecido por aglomerado Santa Lúcia, minha casa ficava no beco Montes Claros e não tinha quintal, mas em frente, na casa da minha avó Ana tinha uma laje. Lá ficava brincando enquanto meus pais trabalhavam, minha mãe fazia faxina, lavava e passava em duas “casas de família” nos Bairros Sion e São Bento<sup>5</sup> e meu pai trabalhava como serralheiro junto com um moço branco chamado Favarino, este foi escolhido como meu padrinho, mas não me recordo dele.

---

<sup>4</sup> Palavra usada neste contexto de modo pejorativo, denunciando a intolerância religiosa e discriminação.

<sup>5</sup> Bairros de classe média alta da Zona Sul de Belo Horizonte.

Em minha infância uma das brincadeiras favorita era ser a Xuxa, mas com os cabelos da Barbie, eu e minha prima Ana Lina colocávamos toalha na cabeça e nossos “toin nhoim nhoins” pareciam crescer lisos, chegavam a altura da cintura em segundos, nossos primos mais velhos ao ver a gente de toalha na cabeça cantavam “preta do suvaco fedorento bate a bunda no nascimento pra ganhar mil e quinhentos”, Ana Lina e eu ficávamos bravas e corríamos atrás deles para bater.

Por anos acreditei que o creme “Yamasterol”, que tinha propaganda feita pelas apresentadoras Angélica e Xuxa, deixaria meus cabelos longos e lisos, acreditava que um dia iria acordar branca e com cabelo grande, eu sempre pedia a minha mãe pra comprar esse creme.

Também adorava juntar os primos e brincar de escolinha, eu sempre era a professora e usava a bíblia, único livro que tinha em minha casa, como o livro da professora.

Da laje de minha avó, além de brincar, eu via a rua, algumas vezes estávamos tão entretidos em nossas brincadeiras que não ouvíamos os tiros e só sentíamos minha prima mais velha Ana Paula e minha avó puxando a gente pra dentro de casa. Recordo-me de um dia em que estávamos pulando corda e eu vi um policial colocando um menino negro na parede, o policial tomou o vidro de cola que o menino cheirava e jogou a cola em sua cabeça, depois chutou o menino e o mandou sair correndo enquanto atirava em sua direção. Mas essas são as únicas lembranças pouco felizes que tenho de lá, além é claro de ter ouvido os tiros que mataram o meu Tio Sininho, o tio que eu mais amava, ele foi morto por traficantes do Morro. Trago na lembrança também que foi de lá da laje que vi pela primeira vez uma Guarda de Reinado passando na rua, recordo como se fosse hoje minha mãe me puxando pela mão dizendo “isso é coisa de macumbeiro”, aí eu perguntava “mas o que é macumbeiro?” a resposta era curta “coisa de preto”, não entendia. Eles estavam todos vestidos de branco, daí em diante toda pessoa vestida de branco eu imaginava que fosse macumbeiro.

Recordo-me do costume de ser benzida pela Vita, senhora preta nossa vizinha, ela com um raminho verde me benzia contra mal olhado, vento virado e espinhela caída, eu saía de lá me perguntando “será isso a macumba”? Não sabia, mas toda vez que minha mãe cismava que eu estava adoentada era pra Vita que ele me levava.

Minha vó Ana era conhecida por fazer “macumba pra trazer de volta o meu avô”, mas essa tal de “macumba” era assunto proibido, pecado, não se podia falar, assim como não se podia ouvir *rap* na minha casa “coisa de malandro, coisa de preto”, samba e pagode eram permitidos, cresci tendo essas referências musicais. Em casa nas rodas de conversa, nos

momentos de fazer comida e em toda e qualquer reunião, ouvíamos música. O festejo embalado por música e muita comida: feijoada e tropeiro<sup>6</sup> eram os pratos de quase sempre. Mas de onde veio isso, quem inventou esses pratos?

Na minha casa meu pai era católico não praticante e minha mãe teve sua criação toda dentro das doutrinas da igreja evangélica, mas ao se casar com meu pai se tornou “do mundo” como dizia minha avó Nair, segundo ela todos que não aceitavam Jesus como seu único salvador era um ser “do mundo”. Cresci sem frequentar nenhuma religião, mas com muito medo dos meus sonhos, das coisas que via e ouvia e muito medo da tal “macumba”, todavia extremamente curiosa por saber o que era isso.

Quando fiz seis anos meu pai começou com a ideia de ir embora do Morro, não queria continuar lá porque queria me criar longe dali e me dar “uma vida melhor” minha mãe não queria mudar, eu tampouco, ficaria longe de minhas avós e de meus primos, mas como meu pai achava melhor nos mudamos para um bairro da periferia de Ribeirão das Neves, região metropolitana de Belo Horizonte, onde estudei e moro até hoje.

Para eu não me sentir tão sozinha, meu pai me deu de presente, a Brisa, minha primeira e única cadelinha, brincava o dia todo com ela e quando ela parecia cansada eu inventava que estava brincando com um monte de gente e os pés de couve e alface me ouviam dar aula, contar histórias e cantar. Quanto jogo simbólico, tudo se transformava, na minha imaginação cabia qualquer coisa. Talvez, sem saber, ali, começava meu encontro com o teatro.

## **2.1 - Na Escola**

Com sete anos fui para a escola Estadual Francisco Labanca. Para ir pra escola, o cabelo tinha que ser bem preso. Tenho fotos de quando brincava na rua, cabelo solto, segundo meus primos “igual poodle”, mas pra ir pra escola era escova, creme e puxa, mais escova, mais creme e puxa, e foi assim até o terceiro ano do ensino médio. Mas vamos começar pelo começo:

---

<sup>6</sup> Pratos, que segundo Pai Ricardo (zelador da Casa de Caridade Pai Jacob do Oriente e professor da disciplina Catar Folhas, ofertada pela formação Transversal em Saberes Tradicionais da Universidade Federal de Minas Gerais) são originários dos povos negros escravizados no Brasil, eles recebiam dos senhores brancos as sobras das carnes e misturavam ao feijão preto, daí surge a feijoada conhecida hoje no Brasil. O tropeiro foi criado a partir da mistura do feijão com a farinha grossa, já que os senhores preferiam a farinha mais fina e clara.

Fui matriculada no “Labanca”, lá, para iniciar o dia, ficávamos em fila no pátio, cada sala formava duas filas uma fila de meninas e uma de meninos, deveríamos ficar quietos e cantar o hino nacional brasileiro, após era feita a oração do Pai Nosso (nunca fizemos cantos ou rezas de religiões afro-brasileiras). Minha professora da primeira série era negra, a professora Maria Luiza, que nos instigava contando histórias e ensinando o que era direita e esquerda, além de ensinar o bê-á-bá.

Estudei a vida inteira em escolas públicas e em minha trajetória escolar no ensino básico tive aulas de Arte somente na quinta série na Escola Estadual Professor Guerino Casassanta. A professora, que não recordo o nome (branca, jovem), distribuía folhas com desenhos e pedia que coloríssemos com as cores primárias, isso durante um ano inteiro. Também foi na quinta série que conheci a série Vaga Lumes e tomei gosto pela leitura, através da professora de Português Elzinha (branca, meia idade), ela dividiu a turma em grupos e cada grupo deveria ler um livro da série e recontar essa história para a turma, meu grupo optou pela dramatização da história, sem nunca ter ido ao teatro, assistido ou participado de alguma encenação, arriscamos a ideia de escrever e encenar, fui a responsável em criar o texto e interpretar junto com duas colegas, daí pra frente em todas as disciplinas, eu não me contentava em fazer cartazes, sempre criava um poema ou pequena cena.

Foi nesta mesma época que meu pai ganhou uma máquina de escrever, eu, que tinha na minha casa apenas o livro “Bíblia sagrada” e um catálogo telefônico. Comecei a escrever histórias, a primeira contava de uma menina que sonhava voar. Das histórias comecei a escrever um jornal para a Escola, intitulado Gueri Jornal.

A professora Elzinha começou a me indicar outros livros e um dia levou um *flyer* da Casa de Cultura, me disse da existência de um curso de teatro que acontecia lá e que eu poderia me inscrever. Empolgada, fui até o local com minha mãe e me matriculei. Durante três meses fiz o curso gratuito com o professor Jota Martins, um professor negro, meu primeiro professor de teatro, ele me instigou a escrever a peça que apresentamos no final do curso para nossos pais. No dia da apresentação o professor Jota Martins pediu para conhecer meus pais e disse a eles para investir em mim. Pouco tempo depois esse professor faleceu e deixou em mim a “sementinha” do fazer teatral.

A única referência de meus pais era o curso que tinha propaganda na televisão o NET – Núcleo de Estudos Teatrais e lá cursei por dois anos as aulas de teatro. Paralelo a isso continuava meus estudos na escola. Já na sexta série, conheci a professora Sandra (negra, meia idade), uma professora de História que tinha postura de general, todos tinham medo

dela, para calar a turma xingava todos de “favelados imundos”, eu não me calava, pelo contrário, levantava o dedo e falava que sim, eu era nascida e criada na favela, minha família inteira era da favela e nós não éramos imundos e nem marginais como ela gostava de falar, precisei me esforçar bastante depois disso, pois fui acompanhada bem de perto por ela. Nas aulas da professora Sandra, aprendi que os negros eram “escravos” e graças a princesa Isabel foram libertos. Neste período eu falava que iria prestar vestibular para o curso de História e seria diferente dessa professora, iria começar por contar histórias dos negros da favela.

Nesta época, durante o recreio eu me escondia na biblioteca ou ficava no corredor atrás da diretoria, porque vez ou outra eu recebia uma pedrada e nunca tive coragem de levantar o rosto pra ver de onde vinha aquela pedra. Eu nunca soube o motivo.

No primeiro ano do ensino médio, conheci o professor Carlos, ele era negro e dava aula de Geografia, eu gostava muito do jeito que ele conduzia a aula e de como nos deixava falar e propor trabalhos fora da sala, daí mudei a opção de História para Geografia no vestibular. Porém precisei mudar de escola, pois ali só teria segundo ano no turno da noite. Como o bairro era perigoso, minha mãe me transferiu para o turno da manhã da Escola Estadual Nossa Senhora da Conceição, a três quarteirões da escola que eu estudava.

Na nova escola conheci bem de perto o que é ter medo, um grupo de meninas se juntou para me bater, assim eu deixaria de ser a “sapatão queridinha”<sup>7</sup>, eu não havia assumido minha orientação, porém o “não ficar” com os meninos e problematizar os comportamentos machistas deles me deu a fama de “sapatão”, pra não apanhar eu pulei o muro da escola e no dia seguinte fui conversar com a diretora (branca, meia idade) que me aconselhou a mudar de escola. As outras meninas foram convidadas a me pedir desculpa e daí em diante a perseguição só aumentou, eram bilhetes ameaçando e olhares que me davam medo, foi assim até o terceiro ano.

Nessa escola o único professor negro era o de física, Luiz, este nunca tratou de questões étnico-raciais em suas aulas e também parecia não me notar, mas chamava minha atenção por ser o único professor negro que tinha na escola.

Chegado o ano de prestar vestibular, não tentei História e nem Geografia, também não passou pela minha cabeça fazer Teatro, primeiro por que não sabia da existência de uma faculdade de Teatro e segundo é que nunca pensei ser possível seguir na vida artística, achava que isso não era pra mim. Meu pai falava que eu tinha que fazer teatro pra dar a sorte de um diretor da rede Globo me ver e gostar de meu trabalho, essa não era minha vontade e eu

---

<sup>7</sup> Eu ainda não consigo falar sobre esse lugar de ser mulher lésbica, dói. Então opto em informar minha condição sexual sem aprofundar.



também desconfiava que isso nunca fosse acontecer. Haja vista a estética predominante neste canal.

Tentei o curso de Psicologia na Universidade Federal de Minas Gerais-UFMG, não passei. Sentia-me preparada, mas percebi que muito do que caiu na prova eu nunca tinha ouvido falar, foi quando me matriculei no curso comunitário, onde alunos da UFMG ministravam gratuitamente aulas para preparar os interessados a realizar o ENEM. Fiz o cursinho por um ano e tentei ENEM, consegui uma bolsa de 50% para o curso de Relações Públicas – RP, comecei a trabalhar com telemarketing para pagar os outros 50% da mensalidade e a passagem, cursei RP por um semestre, frequentava as aulas vestida de roupa social e cabelos muito bem escovados e pranchados, até que um dia no final na aula segui para o ponto de ônibus na Praça da Estação, ali acontecia a apresentação de um espetáculo pelo Festival Internacional de Teatro (FIT). Eu fiquei extasiada com a peça e tive certeza que era Teatro o que queria fazer, aguardei o término de semestre e fui chamada por uma amiga pra tentar o Teatro Universitário da UFMG – T.U., o receio era grande, mas tentei e passei, larguei o curso de Relações Públicas e o emprego, iniciei os estudos no T.U e comecei a trabalhar com Teatro Mobilização.<sup>8</sup>

## **2.2 - Descobrindo-me Negra**

Um mundo novo era apresentado pra mim. Lá não encontrei professores negros, mas muitos alunos negros que traziam em seus corpos e práticas símbolos das culturas negras. Lá vi meninas com os cabelos parecidos com os meus, mas os cabelos delas estavam soltos com um lenço ou flores enfeitando, eu quis ter meu cabelo de volta. Ali eu senti que podia ter meu cabelo livre de novo! Para isso, eu inventei para meus amigos e familiares que tinha feito uma promessa de que se passasse no T.U. cortaria o cabelo, era a desculpa que eu precisava para cortar o cabelo bem curtinho, tirar a química e ter de volta meu *toin nhoim nohim*. No T.U., assumi meus cabelos e também minha orientação sexual, ali eu não recebia pedradas, não recebia ameaças de apanhar e nem era orientada a mudar de escola.

Nesta escola as turmas são divididas em Primeiro Ano, Segundo Ano e Terceiro Ano. Os rituais fazem parte da tradição e do cotidiano da escola, os rituais são passados através da oralidade e existe uma atmosfera de família, sendo os alunos do Segundo ano padrinhos dos

---

<sup>8</sup> Teatro que tem por finalidade conscientizar sobre um tema, mobilizar e educar a população ou grupo sobre um determinado assunto.

alunos do Primeiro ano, estes por sua vez são padrinhos dos alunos do Terceiro Ano. Há um verdadeiro respeito às tradições, uma estrutura que só mais tarde pude comparar as estruturas das religiões afro-brasileiras.

A turma do Segundo Ano recepciona os alunos do Primeiro Ano com um ritual chamado “Batizado”, permeado por cantos da cultura popular entoados junto aos sons de tambores, atrelados a danças, massagem com óleos essenciais, muitos doces e finalizado com banquete, ciranda e banho de lama. Os alunos do Primeiro ano, já são avisados pelos veteranos na primeira etapa do curso que são responsáveis pela “Crisma”, neste ritual, os alunos do Primeiro ano preparam a despedida dos alunos do Terceiro Ano, ritual que por tradição mantém os cantos, tambores, sala de doces, fogueira leitura de uma carta do padrinho para o afilhado e muitas danças circulares, neste ritual o apadrinhado só conhece seu padrinho no dia da “Crisma”.

A musicalidade, as roupas, os cabelos, as referências musicais, literárias e dramatúrgicas eram uma novidade pra mim. Comecei a mudar meu jeito de vestir, meu cabelo, comecei a usar tranças e fui aprendendo a manejar o tambor e a cantar cantos de festejos africanos e afro-brasileiros. Ali vivenciei novos modos de aprendizagem no ambiente escolar e que não partia dos professores e sim dos alunos, e de certo modo iniciava um empoderamento estético, entendido aqui como um processo de reconhecimento de minhas raízes nos meus traços e estrutura capilar, comecei a me achar bonita. Iniciava a construção de minha identidade negra, a partir da minha relação com outras negras e negros. Construí um sentimento de pertencimento ao grupo e percebo hoje que os outros dois alunos negros de minha sala não perceberam essas relações de empoderamento, como eu percebi. Hoje vejo que as questões étnico-raciais não eram trabalhadas pelos professores, apesar da forte presença de elementos da cultura afro trazidas por parte dos alunos, hoje percebo que havia um silenciamento, uma certa invisibilização por parte dos discentes, por que será?

A formatura neste curso se dá por meio da montagem de um espetáculo, em minha formatura montamos “Rosinha do metrô”, com direção de Raquel Castro (branca, jovem) e texto de Fernando Limoeiro (branco, meia idade). A história encenada apresentava Rosinha, um homossexual negro e nordestino que lutava por melhoria nas condições de trabalho na obra de construção do metrô da cidade do Rio de Janeiro no período da ditadura militar. Ali, eu começava a estudar, ainda sem saber algumas características do Teatro Negro, como trazer para o discurso cênico a condição do negro. No término do curso, ingressei na graduação em Teatro também pela UFMG.

### 3 - TRAJETÓRIA NA UNIVERSIDADE: DESCOBRINDO O PROJETO CONTOS DE MITOLOGIA, MEU ENCONTRO COM A “ESPAÇO PRETO” E A CRIAÇÃO DO PROJETO ENCRUZILHADAS

Na Universidade tive contato apenas com um professor negro, o professor Marcos Antônio Alexandre por meio de uma disciplina obrigatória na Faculdade de Letras. Deste professor, ouvi pela primeira vez “você é negra e é um absurdo que não conheça Abdias Nascimento<sup>9</sup>”, atordoada me questionava: quem é esse? Eu sou negra? Mas a vida toda fui morena. Essa frase ressoou na minha cabeça e pouco tempo descobri que ressoava na cabeça da minha amiga de sala Rikelle Ribeiro (negra e jovem), soube disso em um trabalho da disciplina de Atuação Cênica C conduzida pelo professor Fernando Mencarelli (branco, meia idade). Nessa disciplina, os alunos juntavam-se por afinidades artísticas e desenvolviam uma prática com temática de interesse em comum. Rikelle e eu pela primeira vez fizemos um trabalho juntas e pra minha alegria o tema em comum era “Mulher Negra”, nós duas que fomos afetadas pela pergunta do professor Marcos Alexandre, começamos a investigar esse universo, a ler mulheres negras, descobri Conceição Evaristo seus contos e poesias, Carolina Maria de Jesus e o livro *Quarto de despejo*, Geni Guimarães com o belíssimo livro *Leite do Peito* e identificamos nossas mães nesses escritos. Minha mãe, minhas avós, eu, as mulheres negras da minha vida eram referências para nossa cena, o encontro com as autoras despertou um novo olhar para as nossas histórias, daí começamos a arriscar alguns escritos e assim nos descobrindo também como mulheres negras.

*E agora tudo parece me pintar de preto.  
Palavras pretas, teatro preto, música preta, dança preta.  
Respiração ritmada no compasso dos terreiros  
Sou negra ou aprendendo a ser? Reconhecendo-me?  
Criança aprendendo a andar!  
Um novo olhar e velho desejo  
Reencontrar-me? Encontrar-me? Ou reinventar-me?  
São tantas de mim  
Uma imensa saia colada e entrelaçada de retalhos  
Tudo caminha pra negritude!  
O cabelo não quer mais ficar ajeitado, espichado  
agora enrolado, arretado*

---

<sup>9</sup> Abdias Nascimento foi um dos fundadores da Frente Negra Brasileira (importante movimento iniciado em São Paulo) em 1931, criou o Teatro Experimental do Negro (TEN) em 1944, foi secretário de Defesa da Promoção das Populações Afro-Brasileiras do Rio de Janeiro, deputado federal pelo mesmo Estado em 1983 e senador da República em 1997. É autor de vários livros: *Sortilégio*, *Dramas para negros e prólogo para brancos*, *O negro revoltado*, entre outros. Também foi professor Benemérito da Universidade do Estado de Nova York e doutor *Honoris Causa* pelo Estado do Rio de Janeiro. (Estudos avançados 18 (50), 2004 p.224)

*quer vento pra libertar  
Misto de medo e muita euforia  
por ver e ou talvez rever um mundo que eu quero ficar, rodar, lidar, ensinar.*  
(Retirado de meu diário de bordo da disciplina de Atuação Cênica C).

Foi um semestre de pesquisa intensa, de acesso a memórias ora esquecidas, do riso ao choro desenhamos uma cena que não foi finalizada. Eram tantos os caminhos descobertos, a solidão da mulher negra, estética da mulher negra, conhecimento da história de nossos ancestrais, e, afinal, o que é ser mulher negra no teatro? Ouvi de Rikelle em uma improvisação “não mexe comigo que eu não ando só”; naquele dia, eu aprendi que juntas aprendemos e sobrevivemos, busquei me aproximar dos meus, buscar pelos meus pares.

Eu precisava ler e saber mais sobre esse universo, principalmente sobre Teatro Negro, foi quando conheci o “Projeto Contos de Mitologia”, um projeto dentro do “Programa de Extensão Letras e Textos em Ação” da Faculdade de Letras, coordenado pelos professores Tereza Virgínia (branca, meia idade) e Marcos Alexandre. Fui orientada pelo professor Marcos Alexandre para participar do processo de seleção de outro programa que era desenvolvido junto com o “Letras e Textos em Ação”, quando me inscrevi, passei como bolsista de extensão para atuar no “Projeto Literatura Afro-Brasileira em Foco” (projeto integrado ao NEIA – Núcleo de Estudos Interdisciplinares da Alteridade, também coordenado pelo professor Marcos), e onde tive pela primeira vez o contato com as Mitologias Africanas e Afro-Brasileira. Também foi a primeira vez que tive contato com os mitos dos Orixás e soube da existência da Lei 10.639/03. Na segunda parte deste trabalho vou relatar minha vivência no “Projeto Literatura Afro-Brasileira em Foco” e atividades que desenvolvemos para efetivar a 10.639/03 nas ações de extensão deste projeto.

Uma das ações do “Literatura Afro-Brasileira em Foco” teve origem na disciplina de estágio III, quando conheci um artigo da professora Carmina Mendes André “Arte, Biopolítica e Resistência” (2011), neste artigo a autora discorre sobre intervenção urbana e corpos marginalizados que ocupam as ruas. Fiquei muito interessada pela proposta de intervenção urbana e pelo modo que a autora apresentava essa ação como uma ação pedagógica, neste período eu também estava matriculada na disciplina “Projetos Especiais em Educação”, ministrada pelo professor Ricardo Figueiredo (branco, jovem). A fim de aliar a minha pesquisa em Teatro Negro e todo o processo de empoderamento que vivenciava a prática docente, iniciei uma vontade de fazer um projeto nessa disciplina que caminhasse nesses lugares, atento a isso o professor Ricardo Figueiredo, uma referência muito importante na minha vida acadêmica, me apresentou o filme “Quanto vale ou é por Quilo”, artigos e a

tese de Carminda Mendes André, o professor também me instigou a buscar dados e um foco para essa intervenção, daí elaborei o Projeto “Intervenção Urbana Corpos Negros na Savassi”, que tinha por objetivo denunciar o genocídio da juventude negra. A intervenção aconteceu em parceria com o Projeto Literatura Afro-Brasileira em Foco, no dia 13 de maio de 2015, na Praça da Savassi, zona sul de Belo Horizonte, bem próximo ao Morro do Papagaio, onde morei. A mesma intervenção foi repetida no ano de 2016, também no dia 13 de maio. Apresentarei detalhes desta intervenção na segunda parte deste trabalho, quando falarei das ações desenvolvidas pelo “Projeto Literatura Afro-Brasileira em Foco”.

Minha vontade de conhecer mais e buscar práticas sobre Teatro Negro me levou ao encontro do aluno Pedro Amparo(negro, jovem). O professor Marcos Alexandre estava orientado a escrita do seu artigo e relatou-me que Pedro estava em processo de pesquisa e criação de seu trabalho de conclusão de curso que tinha como linguagem o Teatro Negro. Sem conhecê-lo, a não ser de vista nos corredores da faculdade, busquei por Pedro e lhe disse de meu interesse em participar do trabalho, a fim de pesquisar e conhecer mais. Fui aceita e comecei a participar dos ensaios do espetáculo nomeado “Primeiramente Negra”.

No processo de montagem do “Primeiramente Negra”, pude aprender bastante, recebi dos colegas de elenco (todos negros) referências de autores, livros, documentários e pude conhecer as canções proibidas na minha casa, tive contato com o *rap*, as letras falavam de um cotidiano que eu conhecia de perto, não entendi o porquê de meus pais não me deixaram ouvir quando criança. Na Cia. também conheci outro modo de treinamento corporal, Elisa Nunes, atriz e dançarina, conduzia um treinamento corporal com base no Hip Hop e com influências de Danças Urbanas. Até então, eu tinha vivenciado nas aulas de consciência corporal da Universidade e do Teatro Universitário, apenas técnicas corporais de referências europeias.

Durante os ensaios do espetáculo, trocávamos histórias de vida, cada um retratava situações cotidianas de preconceito e discriminação racial e de como elas reverberam no espaço escolar, familiar, nas vestimentas e comportamento. As angústias eram semelhantes e a maioria delas foi transformada em material de criação para o espetáculo. Após a apresentação do que seria o TCC do Pedro e passou a ser o nosso primeiro espetáculo, criamos a primeira Cia. de Teatro Negro no curso de Teatro da Universidade Federal de Minas Gerais, a “Espaço Preto”. Uma Cia. de teatro com 12 pessoas que vem construindo duas linhas de pesquisa o Teatro Negro e a Arte Marginal.

Na Cia. Espaço Preto, trabalhamos com processo colaborativo<sup>10</sup>, exercitamos a condução de práticas de preparação vocal-corporal e estudos teóricos, a Cia é um espaço formativo pra mim, onde além de atuar como atriz, aprendo e vivencio práticas de criação que tenho levado para a docência, além de empoderar-me política-socialmente.

Durante nossos ensaios e estudos começamos a refletir sobre nossa formação dentro da Universidade, daí surge o questionamento que já pulsava individualmente em alguns “por que o curso de teatro não oferta disciplinas, rodas de conversas, seminários e nenhuma atividade que aborde o Teatro Negro?” “Por que os alunos de licenciatura em Teatro não têm nenhuma disciplina durante sua formação que trate sobre a lei 10.639/03?” Em uma escola em que cada ano mais alunos negros ingressam, não reconhecê-los e reconhecer a história que trazem, não é paradoxal? Já que ouvimos nas disciplinas que nosso instrumento de trabalho é nosso corpo, corpo este marcado de histórias.

Imbuídos desses questionamentos partilhados com outros alunos-atores do curso de Teatro, produzimos em novembro de 2015 o “Encruzilhadas<sup>11</sup> – Mostra de Cenas”, idealizado pelas alunas-atrizes Eneida Baraúna (negra, jovem) e Ana Martins(negra, jovem), com os parceiros-produtores Anderson Ferreira (negro, jovem), Laís dos Anjos (negra, jovem), Pedro Amparo(negro, jovem), Allan Machado (branco, jovem), Dian Lucas(negro, jovem) e eu. O evento<sup>12</sup> teve por objetivo construir um diálogo sobre a lei 10.639/03 e o Teatro Negro sua produção/pesquisa/ensino dentro e fora da universidade.

A primeira ação Encruzilhadas foi iniciada com um canto para Exú<sup>13</sup>, seguido da leitura do texto de apresentação do evento:

Entramos na casa da escrita. Um labirinto, sem muitas saídas. Lacunas de uma diversidade. Deu sede, e um caminho novo tivemos que abrir, pois sabemos que há um território fértil para plantar. Assim nasce o ENCRUZILHADAS, uma inspiração

---

<sup>10</sup> “Processo contemporâneo de criação teatral, com raízes na Criação Coletiva, teve também clara influência da chamada ‘década dos encenadores’ no Brasil (década de 1980), bem como do desenvolvimento da dramaturgia no mesmo período e do aperfeiçoamento do conceito de ator-criador. Surge da necessidade na busca da horizontalidade nas relações criativas, prescindindo de qualquer hierarquia pré-estabelecida, seja de texto, de direção, de interpretação ou qualquer outra. Todos os criadores envolvidos colocam experiência, conhecimento e talento a serviço da construção do espetáculo, de tal forma que se tornam imprecisos os limites e o alcance da atuação de cada um deles, estando a relação criativa baseada em múltiplas interferências” (GUINSBURG, 2006, p.253)

<sup>11</sup> A palavra encruzilhada é aqui entendida pela autora Leda Martins como um princípio de construção retórica e metafísica, um operador semântico pulsante de significância, ostensivamente disseminado nas manifestações culturais e religiosas brasileiras de predominância nagô, e naquelas matizadas pelos saberes bantos. (MARTINS, 1997, p.28)

<sup>12</sup> Este evento aconteceu dentro das disciplinas Projetos Especiais em Educação ministrada pelo professor Ricardo Figueiredo e Práticas Ensino D Seminário Teatro e Seu Ensino ministrada pela professora Rita Gusmão e teve como público presente aproximadamente 70 pessoas, dentre elas professores e alunos da instituição, público espontâneo e artistas convidados que trabalham com Arte Negra na cidade de Belo Horizonte.

<sup>13</sup> “Exú é o Orixá sempre presente, pois o culto de cada um dos demais Orixás depende de seu papel de mensageiro. Sem ele orixás e humanos não podem se comunicar” (PRANDI, 2001, p.20)

baseada em uma história que uma senhora nos contou: lugar de centramento e descentramento, influências e divergências – Interseções, fusões e rupturas, unidade e pluralidade. Territórios férteis a serem desbravados todos os dias.  
Peço a gentileza e desligarem seus aparelhos sonoros e se ligarem em vozes múltiplas! Que os caminhos sejam abertos!  
Laroiê! (Texto de apresentação)

Após a leitura do texto seguimos com 4 apresentações de cenas curtas de alunos do curso de Teatro e finalizamos com uma roda de conversa sobre a lei 10.639/03 e Teatro Negro com o Professor Marcos Antônio Alexandre. No bate papo, após as cenas, muitas foram as indagações: Teatro Negro é ter um corpo negro em cena? Teatro negro é protagonizar a condição do negro? Quem foi Abdias Nascimento e qual sua importância? Um tema novo para muitos dos alunos presentes, alguns já finalizando a graduação em teatro sem nunca ter ouvido falar de Abdias Nascimento e da lei. Esta ação abriu questionamentos e revelou a lacuna existente na grade curricular do curso. Posterior a esta ação, foi ofertada uma disciplina intitulada “Performance Negra e Indígena”, ministrada pela professora Rita Gusmão (branca, meia idade). Nesta disciplina, que segundo a coordenação do curso já foi ofertada anteriormente, os alunos têm um breve contato com algumas manifestações de matriz africana, afro-brasileira e indígena. Foram convidados palestrantes para falarem dessas manifestações, visto que nas palavras da professora Rita Gusmão, ela não se sente preparada para tratar dessas temáticas. Vejo a disciplina como uma ação importante, mas insuficiente no que diz respeito à formação de futuros professores. Não há um pensamento sobre licenciatura e a carga horária da disciplina é muito curta para um aprofundamento em cada manifestação apresentada. Além disso, questiono por que as manifestações capoeira e umbanda foram apresentadas por palestrantes não negros em uma disciplina que se propõe a apresentar as performances de manifestações das culturas africanas e afro-brasileiras? Aqui questiono como estes palestrantes não negros se posicionam na luta antirracista? Como podem contribuir com a discussão sobre representatividade e protagonismo negro?

É preciso discutir a falta de disciplinas que tratem de questões raciais na grade curricular do curso de teatro da Escola de Belas Artes da UFMG. A não inclusão dessa temática na formação dos futuros professores e artistas é preocupante, uma vez que esses sujeitos sociais em formação vão encontrar nas escolas, principalmente nas escolas públicas um grande número de alunos negros. Além de ser ignorada a grande quantidade de alunos negros que vem sendo matriculados no curso. Aqui trago a professora Wilma Baía Coelho, que trata no livro “A cor ausente” a ausência da discussão sobre Raça, Cor e Preconceito na

formação de professores do Instituto de Educação do Estado do Pará, mesmo tratando do contexto paraense a autora nos corrobora:

O argumento central deste trabalho consiste na afirmação de que o negro está ausente do processo educacional, em função do despreparo profissional dos docentes em lidar com a complexidade da questão racial no Brasil e, consequentemente, em formar professores aptos a transformar preconceitos. O negro está ausente do processo escolar. (...) O negro está ausente do processo escolar. Ele só está lá de corpo presente, pois sua vida, sua história, sua forma de ver o mundo, sua contribuição para a formação da sociedade brasileira, et. não respondem a chamada. Quem participa em seu lugar são os estereótipos. (...) O Instituto, é importante que se diga, não existe num vazio. Ele é um patrimônio da sociedade paraense e um representante da estrutura de formação de professores que a sociedade brasileira construiu, nos últimos cento e cinquenta anos. Ele reproduz, em larga medida, os erros e os acertos dessa mesma sociedade e dessa mesma estrutura. E não há nada de extraordinário nisto. O extraordinário é que uma questão tão importante para a consolidação da democracia e dos valores que lhe são subjacentes seja negligenciada (COELHO, 2009, p.193-194)

Eu, enquanto professora em formação, mas também como uma aluna que durante toda trajetória escolar no ciclo básico não teve contato com essas temáticas, fico indignada em estar em um curso de licenciatura que não trata de educação étnico-racial. Reflito sobre um curso de Artes que segue um ensino tradicional em que legitima apenas os saberes da cultura dominante, não negra, evidente que existem alguns poucos professores que isoladamente apresentam outras formas de ensino e dialogam em suas práticas docentes com a educação étnico-racial, mas de modo geral o curso é estruturado numa lógica que esta temática não aparece. Eu não quero ser embranquecida dentro ou fora da Universidade, eu quero ser enegrecida.

Contudo, existem em outras escolas da Universidade disciplinas, grupos e projetos que desenvolvem pesquisas sobre relações étnico-raciais e educação. Como pontua Nilma Lino Gomes no texto “Diversidade étnico-racial: por um projeto educativo emancipatório” (GOMES 2008), após fazer um panorama sobre a questão da diversidade étnico-racial nos programas de formação docente das faculdades de educação do país, segundo a professora, esta questão continua ocupando lugar secundário, mas:

Como o campo educacional é dinâmico e tenso, nessas mesmas instituições, núcleos e/ou grupos de pesquisas e coletivos de intelectuais seguem lutando por uma outra perspectiva de educação - que tenha como norte a construção de um projeto educativo emancipatório. Muitos desses grupos e coletivos vêm ofertando disciplinas optativas na graduação, realizando cursos de extensão, aperfeiçoamento e especialização e intervêm em práticas alternativas de formação docente (educação do campo, quilombola, indígena e de pessoas com deficiência), mesmo que elas não ocupem o eixo central dos currículos. Desta forma, há várias práticas de formação de professores (as) nas quais a diversidade étnico-racial encontra lugar na formação continuada e entra com muita dificuldade nos processos de formação inicial. (GOMES, 2008, p.43)



Conheci na Faculdade de Educação – FaE alguns professores, eventos e formações que tinham como foco a lei 10.639/03. Em 2015, cursei na FaE a disciplina “História da Cultura Afro-Brasileira e Indígena”, ministrada pelos professores Ana Maria Rabelo Gomes (Branca, meia idade), Paulo Roberto Maia Figueiredo (branco, meia idade), Edgar Rodrigues Barbosa Neto (branco, meia idade) e Pedro Rocha de Almeida e Castro (vejo ele com traços indígenas, meia idade), foi quando soube, através do professor Edgard da existência do “Programa Ações Afirmativas”<sup>14</sup> e das formações transversais em “Relações Étnico-Raciais: História da África e Cultura Afro-Brasileira” e “Saberes Tradicionais.”

Busquei pelas formações transversais e me matriculei em 2016 nas disciplinas “Catar Folhas: saberes do povo de axé”, ministrada pelas mestras Iyanifa Ifadara (Iyá Nylsia) do Ilé Asé Ala Ojú Meji Ofá Otun, Pedrina Lourdes dos Santos, capitã da Guarda de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês de Oliveira (MG), Muiandê (Mãe Efigênia) do Manzo Ngunzo Kaiango e pelo mestre Pai Ricardo da Casa de Caridade Pai Jacob do Oriente e na disciplina “Racismo e Antirracismo no Brasil”, ministrada pela professora Shirley Miranda (branca, meia idade). Ambas as disciplinas vêm contribuindo para minha qualificação enquanto professora, despertando-me para novos modos de aprendizagem e reconectando-me com os saberes ancestrais, porém neste trabalho vou me ater à disciplina “Catar Folhas”, porque nesta disciplina eu vi mulheres negras ocupando um lugar de direito, eu me vi representada, porque estas mulheres me lembraram da minha mãe e de minhas avós, porque nesta disciplina eu chorei e respirei fundo quando percebi toda a tentativa de me embranquecerem ao longo de minha trajetória. Falarei da disciplina “catar folhas” porque esta foi, sem dúvidas, uma das experiências mais significativas que vivenciei dentro da universidade.

Na disciplina “Catar Folhas” presenciei, pela primeira vez, uma mulher negra, mestra de Reinado e iniciada no candomblé dando uma aula de como os negros escravizados chegaram ao Brasil e resistiram, isso dentro de uma Universidade Federal, pra mim um momento histórico. Mestre Pedrina, vestida com roupas brancas, de turbante, pés descalços e um rosário no pescoço, falou de resistência, falou sobre a mulher negra e nos tirou das cadeiras para cantar e dançar, porque “na cultura de matriz africana se aprende com o corpo todo” (MESTRA PEDRINA, 2016). Foi uma experiência envolta em sensações inenarráveis,

---

<sup>14</sup> “Ações Afirmativas UFMG é um programa de pesquisa, ensino e extensão que congrega professores(as) da Faculdade de Educação, Escola de Ciências da Informação da UFMG e Escola de Ensino Fundamental do Centro Pedagógico da UFMG. Dele fazem parte, também, alunos(as) da graduação e pós-graduação de diversas unidades dessa universidade. Desde o ano de 2002, esse programa vem implementando uma política de permanência bem-sucedida, destinada a jovens negros, sobretudo, aos de baixa renda, regularmente matriculados nos cursos de graduação dessa universidade.” (GOMES, 2006, p.13)

ali naquele momento eu trazia a memória de infância “congado é coisa de preto”. Sim, manifestação de resistência dos pretos.

Mestra Pedrina contou-nos sobre a história do congado/reinado, ressaltando sempre que a festa não é predominantemente católica. Para ilustrar essa colocação narrou a história de como “Nossa Senhora do Rosário” apareceu no mar:

A história que meu pai me contou diz que uma forte luz teria aparecido no mar, a imagem de uma mulher e os brancos a tiraram de lá e levaram para uma capela, no entanto a “santa” sempre voltava para as águas do mar. Até que os negros foram buscar a imagem, os negros cantaram e dançaram e levaram a santa com eles, ela não voltou mais pro mar. (MESTRA PEDRINA, 2016)

Mestra Pedrina termina a história nos perguntando: qual a divindade do mar? Em coro a turma responde Iemanjá e ela diz “sim Iemanjá ou Kaiaia”. Pedrina prossegue contando que “naquele período o negro escravizado trouxe suas crenças, todavia era forçado a submeter-se ao Cristianismo, daí uma das formas de resistência, para festejar seus ancestrais era fazer o branco acreditar que estavam cultuando as imagens católicas.” Isso justifica a afirmação de que a festa de congado/reinado não é inteiramente católica.

Durante as aulas da Mestra, pude conhecer a história do Congado/Reinado e desconstruir a imagem negativa que me foi dada na infância. Como ela mesma diz “o conhecimento desmistifica”.

Durante suas aulas Mestra Pedrina, sempre entoava cantos, dançava e narrava histórias para nos contar dos saberes tradicionais e o modo de vida dos negros escravizados e congadeiros/reinadeiros. Segundo ela “o negro reza e canta dançando, e dança e canta pra tudo”. Nos cantos, algumas palavras do “Kimbundo”, língua falada nas senzalas e entre os reinadeiros de Oliveira-MG. Achei extremamente interessante descobrir que muitas das palavras que utilizamos em nosso vocabulário são de origem “Kimbundo”, algumas delas são: mochila, minhoca, angu, farofa, cochilar, caçula, dentre outras.

A prática da benzeção também foi abordada pela mestra, ela nos ensinou algumas rezas e modos de benzer, impossível pra eu não voltar a minha infância e lembrar da Vita, a senhora que me benzia. Pedrina falou que essa prática na sua família foi repassada de geração em geração e além de saber a reza é importante conhecer as ervas que podem ser usadas nessa prática.

Durante outra aula da mesma disciplina, porém com as mestras Muiandê e a Makota Cássia, ambas do candomblé, ouvi outras histórias sobre ervas, estas contavam sobre as ervas e os Orixás<sup>15</sup>.

Além de ouvirmos histórias, vivenciamos com as mestras uma prática sobre os saberes das ervas e raízes na Estação Ecológica da UFMG. Lá, aprendemos a macerar as ervas e fazer banhos, além de ouvirmos sobre os poderes dos chás para a saúde. Nesta vivência, a Makota Cássia iniciou com a seguinte fala “os pesquisadores pra fazer remédios buscam nas ervas e nós “Povo de Santo” não somos nada sem a água, sem as mulheres e sem as ervas”. Nesta fala percebo o lugar de denúncia quanto à exploração dos saberes tradicionais por parte dos pesquisadores, que segundo a própria Makota vão à comunidade quilombola e exploram tudo, criam patentes e depois negam as origens dos saberes. Ao explicar sobre a função de cada banho a Makota Cássia pontuou: “mas é preciso ter cuidado, dependendo de seu Orixá, existem ervas que você não pode usar no banho.” Curioso, um dos alunos questionou o porquê. Para responder a Makota narrou um mito iorubá:

Todos os orixás pediam as ervas para Ossaim, o detentor dos conhecimentos das folhas, mas um dia Iansã, a orixá que comanda os ventos, cansada de ter que pedir sempre que precisava as ervas para Ossaim pediu a Oxalá que determinasse a Ossaim que distribui-se ervas para todos, assim não precisariam pedi-lo sempre. Oxalá negou o pedido, Iansã então provocou uma ventania que fez com que todas as ervas voassem, algumas caíram perto do rio e passaram a pertencer Oxum, outras caíram no alto e passaram a pertencer Iansã, assim cada orixá ganhou uma erva, algumas são compartilhadas por mais de um orixá. (MAKOTA CÁSSIA, 2016)

O mito contado pela Makota foi uma maneira de nos repassar um saber, através do mito ela nos explica como cada orixá ganhou sua erva e complementa dizendo que nem toda erva é boa para banhar os filhos dos orixás. “Na sociedade tradicional dos iorubas é pelo mito que se explica a origem de tudo, é pelo mito que se interpreta o presente e se prediz o futuro, nesta e na outra vida” (PRANDI, 2001, p.24). Bergo nos corrobora quando diz que

Nos espaços do Candomblé, Umbanda e Quilombos os processos de aprendizagem acontecem a partir de situações do cotidiano, aprende-se fazendo e também através das histórias narradas pelos mais velhos, os mitos estão sempre presentes como forma de aprendizagem (BERGO, 2011, p.44).

É possível perceber esse modo de aprendizagem nas aulas da disciplina “Catar Folhas”, visto que os mestres encontram nos mitos explicações e sentidos para nos revelar

---

<sup>15</sup> Para os iorubas tradicionais e os seguidores de sua religião nas Américas, os orixás são divindades que receberam de Olodumare ou Olorum, o Ser Supremo, a incumbência de criar e governar o mundo, ficando cada um deles responsável por alguns aspectos da natureza e certas dimensões da vida em sociedade e da condição humana. (PRANDI, 2001, p.20)

práticas e concepções do candomblé. Segundo a Makota Cássia, “as histórias no candomblé são formas de conhecer e passar o conhecimento para os outros.”

Além de aprender como cada orixá recebeu sua erva, durante a narração do mito, recordei-me dos saberes de minha mãe, os quais eu dava pouca importância, pensando somente na hierarquização do conhecimento, elegendo sempre o acadêmico como o mais importante. Minha mãe e avós sempre tiveram em suas casas um canteiro de ervas, para toda e qualquer situação de doença, ir ao médico só quando os chás ou benzeção não surtiam efeito. Ao ouvir o mito eu identifiquei algo bem próximo de mim e aprendi a valorizar esse saber. Chegando em casa fui à horta juntamente com minha mãe e pedi que me ensinasse os nomes e como identificar cada erva, relatei sobre a aula e falei de minha vontade de aprender com ela. Daí ela contou que tem que perceber pelo tato, cheiro, cor e também me explicou a função de cada erva ali do canteiro. Minha mãe ainda disse: Viu, eu também sei das coisas. Ela que sempre se julgava inferior, por ter somente terceira série, sentiu que o saber herdado de sua mãe é importante, tão importante quanto os saberes científicos.

Uma outra história narrada pela Makota, também me fez recordar minha mãe e um pouco do que vivi na escola:

Eu ia à escola para aprender a ler e escrever, mas por causa da intolerância com minha religião e pelo racismo que sofria eu sempre sentava atrás, tentava ficar escondida sempre. A gente nunca foi príncipe ou princesa, nem irmã, nem mãe de príncipe e nem cinderela em história nenhuma. Nos livros eu via os negros acorrentados servindo os brancos e eu me perguntava, mas espera aí, eles não têm vida não? Na minha casa eu tinha uma função, eu tinha um modo de vida e nossa ancestralidade não é de escravo. É de reis e rainhas, nosso povo foi escravizado. O negro veio livre e lutava para manter a liberdade. Não vou para escola para ser desmotivada. Ir para escola para ser rejeitada? Lá na nossa casa eu aprendia, eu já tinha aprendido a ler e a escrever aí eu sai da escola. Lá na nossa casa a gente se ajuda, a gente aprende. No terreiro somos um só. Eu fico muito feliz em poder tá aqui falando pra vocês como é o nosso modo de vida e eu acho que a gente tinha que ter isso na escola desde sempre, desde pequeno. (MAKOTA CÁSSIA 2016)

A história da Makota, da minha mãe, minha e de muitas outras e outros negros ilustram a importância de se estudar outras culturas e suas manifestações no ambiente escolar. É preciso trabalhar a educação étnico-racial nas escolas, visto que a escola é uma instância de formação do sujeito e também é um dos espaços onde os negros sofrem com o racismo desde tenra idade. Por conseguinte é preciso que os cursos de formação de professores se atentem a esta demanda, demanda esta que está na lei, mas por hora não é validada na grade curricular da habilitação licenciatura do curso de Teatro da Escola de Belas Artes da UFMG. Aqui novamente dialogo com Nilma Lino Gomes quando ela fala da implementação da lei:

A implementação da lei 10.639/03 e de suas respectivas diretrizes curriculares nacionais vem se somar as demandas do Movimento Negro, de intelectuais e de

outros movimentos sociais, que se mantêm atentos à luta pela superação do racismo na sociedade, de modo geral, e na educação escolar, em específico. Estes grupos partilham da concepção de que a escola é uma das instituições sociais responsáveis pela construção de representações positivas dos afro-brasileiros e por uma educação que tenha o respeito à diversidade como parte de uma formação cidadã. Acreditam que a escola, sobretudo a pública, exerce papel fundamental na construção de uma educação para a diversidade. (GOMES, 2008, p.41)

Vivenciei na disciplina “Catar Folhas”, disciplina, como disse anteriormente, ofertada por uma formação transversal, outras epistemologias e pude perceber a diversidade existente nas culturas de matriz africana e como esta disciplina foi importante para minha formação. Reconheci durante as aulas como estes saberes estão presentes na minha vida desde a infância, mas como fui perdendo a relação com estas práticas e costumes – estranho como vamos sendo moldados a subestimar o que não encaixa nos moldes da cultura branca. Eu precisei vivenciar dentro da universidade com outras pessoas, práticas e rituais para entender que o saber de minha mãe, de meu pai, de minhas avós são saberes legítimos. Para além disso, comecei a me questionar: Como transformar esta vivência em uma prática docente?

Na última vivência proporcionada pelo Mestre Pai Ricardo, zelador da Casa de Caridade Pai Jacob do Oriente, terreiro situado na favela “Pedreira Prado Lopes-BH” e que segundo Pai Ricardo é “um espaço de acolhida e liderança dentro da comunidade, um espaço que os moradores recorrem para pedir assistência espiritual, assistência para a saúde do corpo e também para mediar conflitos.” Pai Ricardo iniciou sua aula pontuando “somos da vivência, da tradição, da resistência e da prática, por isso gostaria de convidar vocês para uma vivência”. A vivência proposta era que pudéssemos experienciar situações que acontecem nos terreiros de umbanda, nossas aulas aconteceriam nos moldes de um terreiro.

Antes de nos apresentar a estrutura da vivência, Pai Ricardo nos entregou o “material didático”, um fio de contas de Oxalá<sup>16</sup>. Quem quisesse receber o fio deveria usá-lo em seu dia a dia e perceber como as pessoas ao redor viam este fio, as pessoas próximas e pessoas desconhecidas. O Pai ainda ressaltou que este fio de contas foi reparado para a vivência da disciplina, ele foi tecido por uma pessoa de “corpo limpo” e o fio teria sido imantado energeticamente com ervas. De acordo com Pai Ricardo, o fio de contas tem a função de “proteger e colocar a pessoa em contato com o Santo”. Após a entrega do fio, Pai Ricardo nos falou de como deveríamos proceder nas outras aulas quando chegássemos ao espaço, segundo ele:

---

<sup>16</sup> “Encabeça o panteão da criação, criador do homem e senhor absoluto do princípio da vida, da respiração e do ar” (PRANDI, 2001, p. 23)

Ao entrar num terreiro, temos que pedir licença, porque existem energias que zelam pelo espaço. Neste espaço também tem autoridades. Tem a casa de força, uma energia que guarda a porta, é preciso pedir licença pra essa energia, bater três na porta para anunciar a chegada, a energia reconhece as três palmas como um pedido de licença. Quando chegarem aqui na próxima aula vão bater três vezes na porta da sala. Em seguida têm que cumprimentar os atabaques, eles estarão aqui toda aula, eles que fazem a comunicação com o outro plano, o atabaque também é uma autoridade, então tem que pedir licença ao atabaque e aos ogãs que tocam o atabaque. Depois tem que reconhecer o zelador, pedir a benção, pedir a benção a cambona e aos irmãos e irmãs. A benção serve para benzer, para pedir licença. A gente vai cantar, vai comer, todos os dias vamos trazer algo pra comer, porque a comida é muito especial na umbanda, a comida é a nossa fonte de energia é o que ofertamos para um orixá, para um guia (PAI RICARDO, 2016)

Assim seguiram suas aulas, aprendemos na prática a hierarquização que existe dentro da manifestação da umbanda, aprendemos o respeito a cada pessoa presente, sobretudo aos guias e orixás, além de entendermos que os cantos são uma forma de oração e conexão com as divindades. Em nossa última aula-vivência, Pai Ricardo “tocou uma gira”, vivenciamos na “Estação Ecológica da UFMG” um ritual com estrutura próxima as sessões de terreiros de umbanda. Destaco dessa vivência, a contação de histórias a partir de mitos do panteão Iorubá. Pai Ricardo cantou para os orixás, que normalmente são homenageados em sua casa, e antes de cantar narrou um mito para nos apresentar cada divindade. Ele iniciava a contação de história apresentando algumas características dos filhos daquele orixá e seguia contando o mito. Aqui vou recontar o mito de meu pai Obaluaê com minha mãe Iansã, segundo o que ouvi de Pai Ricardo:

Os filhos de Obaluaê têm mão de cura, este orixá conhecido como orixá da doença, é na verdade um poderoso orixá de cura. Dizem que certa vez, os orixás deram uma festa e Obaluaê foi, mas ficou parado no canto com seu corpo coberto de palha, ele usava as palhas para esconder as chagas que tinha em seu corpo. Mas Iansã ficou encabulada ao ver ele parado no canto, chamou Obaluaê para dançar e começou a girar, a girar, a girar até provocar uma ventania, esta ventania levantou a palha que cobria Obaluaê e fez com que todas as suas chagas pulassem e se transformassem em pipoca, Obaluaê sem feridas era um homem muito bonito. É por isso que toda vez que tem alguém doente a gente dá um banho de pipoca na pessoa, ou senão a gente pega um prato esmaltado, enche de pipoca e coloca o nome da pessoa embaixo do prato. (PAI RICARDO, 2016)

Os mitos foram contados durante toda a aula-ritual, eles explicavam a origem das coisas, nos contavam quem era a divindade e quais as relações entre as divindades e as ervas, as divindades e os elementos terra, água, fogo e ar. Na prática percebemos que os saberes são transmitidos através da oralidade, e em sua aula Pai Ricardo não fez uso de letras no papel ou projetadas. Interessante perceber como o ato de contar histórias preserva os costumes desta religião e também como preserva a identidade afrodescendente.

Nesta disciplina, o saber passou pelo corpo inteiro, ouvimos, cantamos, dançamos, comemos e fomos afetados pelo som dos atabaques. Uma vivência que ficou registrada em meu corpo-memória. Um outro modo de ensino-aprendizagem. Penso ser válido pontuar também a forte relação tanto da Umbanda, quanto do Candomblé com a natureza, arrisco dizer que eles são guardiões da natureza. Os três mestres aqui citados enfatizavam durante as aulas que sem as ervas, as raízes, a água e a mulher não é possível fazer nada. Os elementos da natureza são sagrados e eles falam do respeito que se deve ter, uma conscientização ambiental que não está somente nos discursos, é possível perceber desde a fala até nas práticas dos rituais, quando optam em utilizar folhas ao invés de recipientes que podem demorar anos para serem degradados. Outra epistemologia, outro modo de relação, um modo de nos conscientizar sobre a relação do homem com o homem e do homem com a natureza sem culpabilizar, pontuando, sobretudo, o respeito.

E para minha grata surpresa a finalização da disciplina se deu com uma aula da Muiandê e Makota Cássia, foi quando a turma foi convidada a responder uma pergunta da Makota seguida de um pedido. Ela perguntou qual o curso de cada aluno e em seguida falou que precisava nos fazer o seguinte pedido:

Eu queria pedir que quando vocês forem doutores e professores e forem falar ou ir oferecer algo pra gente, que vocês nos olhem com respeito, não falo nem tolerância, não gosto desse termo “intolerância religiosa”, ninguém tem que tolerar nada, mas tem que respeitar. Então eu peço que vocês respeitem nossa história. Quem for ser professor, eu acho que um professor tem que identificar seus alunos, não tratá-los como iguais. Existe a cor e a gente sabe que isso é algo importante, religião, cada um tem sua história, sua tradição. Se eu fosse professora eu gostaria de saber como eles vivem em suas casas. Então respeitem seus alunos e suas histórias. (MAKOTA CÁSSIA, 2016)

Esta vivência ainda está reverberando em mim. Foi intenso descobrir e redescobrir saberes que já permeavam toda minha trajetória, foi bonito e potente reconhecer nas mestras as mulheres negras que fazem parte da minha vida. Foi forte e ressoou e ressoa em mim o pedido da Makota Cássia. Como tudo que estava vivendo eu relacionava com meu TCC e com minha formação, finalizei a disciplina me questionando: Como dialogar tudo isso com minha prática em sala de aula? Apresento a seguir minha trajetória dentro do Projeto “Literatura Afro-Brasileira em Foco” e as ações de extensão que realizamos: “Oficina de contação de histórias” e “Intervenção Corpos negros na Savassi”, a primeira com elementos apreendidos da disciplina “Catar Folhas”.

## **4 - AS HISTÓRIAS DO PROJETO LITERATURA AFRO-BRASILEIRA EM FOCO**

### **4.1 - O Projeto**

O Projeto de Extensão “Literatura Afro-Brasileira em Foco” desenvolve suas ações em parceria com o “Projeto Contos de Mitologia”. Por dividirem o mesmo espaço físico e planejarem ações conjuntamente, os dois projetos se complementam. No entanto, buscarei descrever os dois separadamente para uma melhor compreensão do leitor.

O “Projeto de Extensão Literatura Afro-Brasileira Em Foco”, coordenado pelo professor Marcos Antônio Alexandre é vinculado ao “Núcleo de Estudos Interdisciplinares da Alteridade – NEIA”, da Faculdade de letras da Universidade Federal de Minas Gerais e desenvolve atividades de ensino, pesquisa e extensão no âmbito da graduação.

O projeto foca no estudo da literatura e, de maneira interdisciplinar, aborda outros processos discursivos que contribuem para a reflexão da condição do negro e a importância da cultura de matriz africana na formação da sociedade brasileira, trazendo uma discussão sobre resistência cultural, identitária e preconceito racial.

Atualmente, o projeto conta com dois bolsistas de extensão, vinculados à PROEX: Anderson Ferreira, graduando em licenciatura em Teatro, e eu. Dentro do projeto, desenvolvemos pesquisas e elaboramos atividades que posteriormente são revertidas em ações de extensão. Realizamos estudos das culturas africanas e afro-brasileiras a partir da literatura, dramaturgia e mitologias. As ações pedagógicas que foram realizadas no último ano são:

- Contações de histórias a partir das mitologias africanas e afro-brasileira em escolas públicas e privadas de ensino básico;
- Apresentação de cenas com textos da literatura negra em escolas públicas e privadas de ensino básico e superior;
- Minicursos de sensibilização para professores;
- Intervenções performáticas em espaços urbanos da cidade de Belo Horizonte;
- Oficinas de teatro com eixo temático na literatura dramática negra.

O “Projeto Contos de Mitologia” é um Projeto de Extensão da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, também coordenado pelo professor Marcos Antônio Alexandre e pela professora Tereza Virginia Ribeiro Barbosa, porém faz parte do Programa “Letras e Textos em Ação.” Desde 1998, o projeto trabalha com a contação de histórias a partir das mitologias Grega, Africanas, Afro-Brasileira e Indígenas, buscando incentivar o



conhecimento da história desses povos através da ludicidade e imaginação e tornando popular e acessível essas mitologias. O “Contos de Mitologia” desenvolve ações em escolas públicas e privadas de ensino básico da cidade de Belo Horizonte e região metropolitana. Além de contar histórias o projeto desenvolve oficinas de sensibilização em contação de histórias para professores e alunos do ensino básico.

Os dois Projetos realizam semanalmente reuniões para tratar de ações a serem desenvolvidas e para discutir textos teóricos e literários que norteiam o conhecimento das culturas Afro-Brasileiras, Africanas, Indígenas e Grega que nos dão bases para realização do trabalho.

Os dois projetos em parceria realizaram duas atividades pedagógicas eleitas para este trabalho de conclusão de curso. Abaixo descrevo e analiso como as ações foram planejadas e executas.

#### **4.2 - A Oficina de Contação de Histórias para Educadores**

Tendo em vista as novas demandas geradas pela lei 10.639/03, alterada pela lei 11.645/08 que determinam a inclusão da temática histórica e cultural indígena, afro-brasileira africana no currículo oficial da rede de ensino, o Projeto de Extensão “Contos de Mitologia”, oferta anualmente uma oficina de sensibilização para a contação de histórias para professores. Esta oficina é ministrada pelos bolsistas de extensão dos Projetos que integram o Programa “Letras e Textos em Ação” em parceria com os bolsistas do Projeto “Literatura Afro-Brasileira em Foco.”

O conteúdo trabalhado na oficina tem por intenção sensibilizar e instrumentalizar professores da rede básica de ensino para trabalharem as leis através da contação de histórias, tendo como objetos das culturas os mitos de cada povo. Acreditamos que os mitos apresentam o modo de vida e como cada cultura entende o mundo e suas manifestações, visto que os mitos nascem da necessidade do ser humano explicar a origem das coisas. Como pontua MINDLIN:

Os mitos frequentemente falam de acontecimentos fantásticos, mágicos. É por isso que muita gente pensa e diz que mito é invenção, mentira, ficção, mas para os povos que os contam, donos das histórias, e para quem souber decifrar sua linguagem poética, os mitos são uma história verdadeira, uma explicação sobre o mundo, sobre o que é viver, sobre a origem da humanidade, sobre o aparecimento da agricultura, da caça, das plantas, das estrelas, do homem e da mulher, do fogo, do sol, da lua, de tudo o que se pode imaginar. Há histórias de fantasmas, de bichos que viram gente ou o contrário, de pedaços do corpo que voam e falam. São histórias sagradas,

respeitadas por todos. (MINDLIN, 2001, p.7)

Os mitos contados por meio da contação de histórias instigam a imaginação e a troca de vivências, mantém viva as tradições daquela cultura, fazendo ressurgir espaços, tempos, modo de vida e imagens, por isso acreditamos ser possível trabalhar as leis através da contação de histórias dos mitos de cada cultura.

Elegi falar sobre esta ação em meu trabalho de conclusão de curso por acreditar ser possível criar novas epistemologias dentro da sala de aula em diálogo com a lei 10.639/03 a partir dos mitos e da contação de histórias, sobretudo por ter sido esta experiência dentro do Programa de Extensão e a vivência na disciplina Catar Folhas, que também trazia os mitos como suporte para repassar ensinamentos, ações importantes que contribuíram para o meu aprendizado sobre identidade e a verdadeira herança cultural de meus ancestrais. Acredito que apresentar as mitologias dos povos africanos é uma forma de valorização dessas culturas e também um modo de apresentar aos alunos que os negros que aqui foram escravizados, não eram corpos sem histórias, pelo contrário. As histórias de suas divindades, marcadas por cantos e saudações apresentam um pouco das manifestações desta cultura e podem apontar costumes que dialogam com o cotidiano dos alunos. A seguir descrevo e analiso a oficina.

#### **4.3 - A VI Oficina de Sensibilização de Professores: para contar histórias**

No primeiro semestre de 2016, foi ofertada a sexta edição da Oficina. Estruturada em 5 encontros com carga horária total de 20h. Cada encontro foi conduzido por uma dupla de estudantes<sup>17</sup> e seguiu o seguinte cronograma:

- Primeiro encontro: apresentação do Projeto e um panorama sobre as leis e as mitologias que seriam trabalhadas nos encontros seguintes,
- Segundo encontro: Mitologia Grega e a ação vocal na contação de história,
- Terceiro encontro: Mitologia Africana Iorubá e a musicalidade, gestualidade e criação de imagens a partir da ação vocal,
- Quarto encontro: Mitologias Indígenas e o uso de objetos na contação de história,
- Quinto encontro: Rememoração do que os professores vivenciaram ao longo dos quatro encontros, tendo por objetivo analisar juntamente aos professores como levar os

---

<sup>17</sup> Exceto a oficina Afro, que contou com três alunos bolsistas de extensão Anderson Ferreira, Ana Martins e eu.

conteúdos e vivências para as suas práticas pedagógicas. Além dos professores apresentarem uma contação de história que deveria estar aliada com um planejamento de ação pedagógica para efetivação das leis. Um dos itens que constava no edital da Oficina era que cada professor deveria desenvolver uma ação em sua escola que dialogasse com as mitologias e que o “Projeto Contos de Mitologia” participaria da ação contada histórias.

Nesta edição da oficina o tema foi “Alteridade” e desenvolvemos a discussão do tema através dos mitos “Filoctetes” mito Grego, “Obaluaê é proibido de viver junto com os outros orixás” mito Africano Iorubá e o mito indígena “Amesca”. Optamos em trabalhar com estes mitos, tendo em vista as situações cotidianas de racismo e segregação dentro do espaço escolar, uma situação recorrente que pode ser discutida e abordada através de um mito, a fim de trabalhar com os alunos sobre a temática da Alteridade. Aqui dialogo novamente com a professora Nilma Lino Gomes, quando ela pontua:

Se acreditamos que a escola, sobretudo a pública, deve ser um espaço democrático, onde as diferentes presenças se encontram e são tratadas com dignidade, faz parte do exercício profissional dos educadores (as) atuarem como agentes de transformação na superação do racismo e de toda forma de discriminação. (GOMES, 2006, p.21)

Como já exemplificado neste trabalho quando apresento minha trajetória escolar, a da Makota Cassia e da minha mãe, o racismo está presente no ambiente escolar, tanto nas relações, quanto no conteúdo apresentado aos alunos e este problema interfere diretamente no processo de escolarização. Assim, como construir práticas pedagógicas que abordem e conscientizem sobre a questão? Aqui apresentamos o tema através de um mito e convidamos os professores para discutir sobre como agir e como superar situações de preconceito e discriminação racial. Um desafio que precisa ser enfrentado, principalmente pelo professor, que é um ser político e coformador do cidadão.

Para seleção de participantes foi elaborado um edital que ofertava 30 vagas para professores interessados em trabalhar a contação de histórias a partir das Mitologias Grega, Africanas, Afro-Brasileiras e Indígenas. Este edital foi publicado em redes sociais, encaminhado por e-mail para as escolas e anexado em murais da Universidade. A seleção priorizava a ordem de inscrição, com recorte de professores que estivessem atuando em escolas públicas. Porém, também participaram da oficina professores da rede particular, devido ao grande número de inscrições deste segmento.

Com o intuito de conhecer os professores e o conhecimento que tinham das leis 10.639/03 e 11.45/08 pedimos que respondessem um formulário com as seguintes perguntas:

- 1- Qual disciplina leciona e há quanto tempo?

- 2- Como você se declara do ponto de vista étnico-racial?
- 3- Já conhecia as leis 10.639/03 e 11.645/08? Como conheceu?
- 4- Você já participou de atividades intencionalmente dirigidas à educação das relações étnico-raciais durante sua formação? Se sim quais? Quando? Onde?
- 5- Você desenvolve ou desenvolveu em suas aulas atividades a partir das leis 10.639/03 e 11.645/08? Quais?
- 6- Você teve acesso a materiais para trabalhar as Histórias e Culturas Indígena, Afro-brasileiras e Africanas? Quais? Te auxiliaram?
- 7- Que elementos você considera como obstáculo para a implementação das leis na educação básica?
- 8- Quais práticas que poderiam ser aplicadas nas escolas para colaborar na implementação das leis? Quem deveria ser o responsável por elas?

Participaram da oficina 13 professores, destes 4 conheciam as leis através de estudos desenvolvidos na graduação e pós-graduação e já tinham trabalhado algumas ações voltadas para a lei em suas práticas pedagógicas, 5 conheceram a lei quando foram prestar concurso e 3 nunca tinham ouvido falar. A grande maioria considera a falta de atividades formativas para professores e a falta da temática nos planejamentos dos conteúdos escolares como obstáculo para a implementação da lei. Após todos responderem o formulário iniciamos o primeiro momento da oficina.

Neste trabalho vou me ater apenas à Oficina de Mitologia Africana Iorubá, devido à temática desta Monografia, que foi elaborada e conduzida pelos bolsistas Ana Martins<sup>18</sup>, Anderson Ferreira e eu.

#### **4.4 A Oficina de Mitologia Africana Iorubá**

Tendo em vista que o continente africano é multiétnico e pluricultural, optamos por fazer um recorte e trabalhar nesta oficina com a Mitologia Iorubá em diálogo com elementos que podem ser usados na contação de histórias e que estão presentes em diversas manifestações de matriz africana, são eles: musicalidade, gestualidade e a criação de imagens a partir da ação vocal. Estruturamos a oficina como um ritual, permeado de músicas, danças e narração de mitos. Para cada exercício proposto, um canto o conduzia.

---

<sup>18</sup> Bolsista de extensão do Projeto Contos de Mitologia, como os dois projetos são parceiros, Ana Martins foi convidada para ministrar a oficina, por desenvolver uma pesquisa sobre a temática.

A oficina foi dividida em quatro momentos:

- Primeiro momento: Introdução ao conteúdo e exposição de matérias de referência – Oralidade;
- Segundo momento: Exercícios de sensibilização para contar histórias – Cantos e Danças;
- Terceiro momento: Prática de contar histórias utilizando os elementos trabalhados na oficina – Griots;
- Quarto momento: avaliação da oficina e apresentação de duas contações de histórias preparadas pelos bolsistas Anderson Ferreira e Fabiana Brasil.

A seguir pontuo cada momento:

#### Primeiro momento: Introdução ao conteúdo e exposição de matérias de referência

Iniciamos a oficina com um canto para Exú<sup>19</sup>, os professores foram saindo das cadeiras e se aproximando, naturalmente formaram uma roda e começaram a repetir o canto que ouviam.

O ambiente onde aconteceu a oficina foi preparado com uma exposição de máscaras africanas confeccionadas em papelão, exposição de livros e revistas que foram referências para a construção da oficina e som ambiente com músicas do *rap*<sup>20</sup> e *funk*, uma forma de instigar os professores sobre as diversas manifestações da cultura negra, principalmente as músicas, que são materiais por hora estigmatizados dentro do espaço escolar. É válido ressaltar que estas linguagens também são do campo de conhecimento, estudo e reconhecimento da cultura negra.

A fim de apresentarmos um panorama sobre a Mitologia Ioruba, os Orixás, a importância da Oralidade e dos Griots, a musicalidade e dança nas culturas de matrizes afro elaboramos um esquema de aula, intitulado Cartilha Afro” que foi entregue aos professores. Nela, algumas citações de pesquisadores de culturas africanas e também algumas referências de livros, revistas e documentários que podem servir de apoio teórico para pesquisas, visto que no formato pragmático de oficina conseguiríamos sensibilizar o grupo, mas não ofertar um aprofundamento acerca dos temas.

Em seguida, os participantes da oficina foram instigados com a seguinte questão: O que vocês conhecem de mitologias africanas e/ou afro-brasileiras? Seguida da instrução: “caminhe até uma pessoa e conte pra ela o que você conhece dessas mitologias e ouça o que a

---

<sup>19</sup> O mensageiro, dono das encruzilhadas, senhor da comunicação.

<sup>20</sup> “Rap Rhythm and poetry (ritmo e poesia) De matriz jamaicana, o rap se insere na tradição vernacular dos povos africanos.” (VIANA, 2007, p.139)

outra pessoa conhece”. Após a participação de todos, sentamo-nos em roda e cada um contou o que ouviu da sua dupla. Nesta prática, buscamos instigar os professores a falarem, a partir de suas vivências e saberes, o que seriam essas mitologias, por acreditarmos que assim, a partir da troca de histórias, o conhecimento/aprendizagem acontece. Os professores tinham pouco conhecimento sobre as mitologias Africanas, um deles falou que já tinha ouvido falar em Mitologia Iorubá e três falaram sobre Orixás, exemplificaram falando de Iemanjá e Ogum. A partir dos relatos nós, os condutores, fomos pontuando que o continente Africano é pluricultural, e em nossa oficina trabalharíamos somente com a Mitologia Iorubá<sup>21</sup>. Questionamos também o fato de os Orixás mais conhecidos serem Iemanjá e Ogum, o que promoveu uma discussão sobre sincretismo religioso e a representação destes orixás através de imagens brancas.

Exibimos um trecho do documentário *Africanidades Brasileiras e Educação*, a partir deste trecho falamos sobre a lei 10.639/03 e também sobre Oralidade e os Griots nas culturas Afro.

#### Segundo momento: Exercícios de sensibilização para contar histórias

Realizamos, no segundo momento, alguns jogos que tinham por objetivo trabalhar o olhar, a corporeidade e a ação vocal como elementos para criar imagens e atmosferas na contação de histórias. Dentre os jogos trabalhamos com alguns movimentos da Dança dos Orixás, cantos de trabalho e frases e elementos do mito “Obaluaê é proibido de viver junto com os outros orixás”. Durante os jogos, foi possível criar a primeira história contada, que era individual e falava de uma memória de infância e também uma segunda história contada, que era individual e falava do objeto “Xaxará”, cetro que Obaluaê traz nas mãos. Durante os jogos-contações pontuamos a importância do olhar, que cria o elo de ligação do contador com os ouvintes, a ação vocal que possibilita a criação de atmosferas e imagens das histórias e também a gestualidade, entendida por nós como uma expressão corporal que possibilita o contador de histórias transmitir a história com o corpo todo, podendo transformá-lo em um raio, cavalo, espada e tudo mais que a imaginação e uso dos movimentos e energia permitir. Durante a avaliação dos jogos, um dos professores pontuou: “o uso do corpo deixa a história mais dinâmica né, quando a Joana estica o braço e fala que é uma espada, eu vejo uma espada, pela forma que apresenta no corpo e na voz”. Durante estes jogos, apontamos também que a própria estrutura deles e das músicas criava um roteiro e a partir dele era possível criar e

---

<sup>21</sup> O território Iorubá expande-se pelos países Nigéria, Togo e República do Benin (antiga Daomé).

contar uma história. Assim como percebemos nos “pontos-cantos” de umbanda, nas ngomas do congado e nas letras de rap, elas são estruturadas de forma que contam algo, contam uma história e/ou narram o que está acontecendo e/ou que deverá acontecer durante o ritual.

### Terceiro momento: Prática de contar histórias utilizando os elementos trabalhados na oficina

A turma foi dividida em três grupos, e a partir do “Jogo da casinha” - que continha uma canção, uma gestualidade que passava por três planos e entonações vocais diversas - cada grupo deveria contar como era a casinha deles, tentando utilizar todos os elementos trabalhados na oficina: Musicalidade, gestualidade, olhar e construção de imagens a partir da ação vocal/entonação. A canção serviu de roteiro para contarem a história. Esta foi a terceira história contada, porém em grupo. Cada grupo socializou a contação de história sobre “A casinha”. Fizemos uma avaliação das contações, tendo como base para avaliar a seguinte pergunta: Vocês conseguiram construir a imagem dessa casinha? Identificaram na contação os elementos que trabalhamos?

Durante a avaliação deste jogo os professores apontaram, no trabalho do primeiro grupo, que através da ação corporal perceberam que foi instalada na sala uma atmosfera de medo e que pelo corpo que os contadores traziam parecia fazer frio, ainda acrescentaram que os elementos sonoros, como som de coruja, criou a imagem de que a história acontecia no período da noite. Este grupo contou a história através do corpo. Já no segundo grupo disseram que a ação vocal apresentou uma casa engraçada, que produzia sons, já que a cada passo dado a madeira rangia, alguns também falaram que conseguiram lembrar casas de suas infâncias, as contadoras de histórias contaram sobre uma casa do interior, ela tinha um fogão a lenha, onde todos se reuniam para contar casos e comer. Este grupo construiu as imagens através da narrativa, na avaliação, os professores apontaram que conseguiram sentir os cheiros das comidas e que a ação vocal, corpo e olhar contribuíram muito para criar as imagens e ressignificar o espaço da sala, levando-os a outro lugar, o espaço de uma casa do interior. O terceiro grupo também criou imagens através da narrativa, mas utilizou um pouco mais da gestualidade, descrevendo formas, cores, cheiros e sons com o corpo/voz.

Após a avaliação, fomos para uma pausa de 15 minutos. A pausa, que seria para um lanche e ir ao banheiro, acabou criando um momento de troca. Os professores se aproximaram dos livros e máscaras que estavam expostos na sala, relatamos para dois dos professores que estavam observando as máscaras africanas, que elas foram confeccionadas a partir de uma pesquisa dos artistas Antônio Salgado e Lindolfo Malheiros para o espetáculo “Grito do outro,

grito meu”, da Cia Espaço Preto. Também falamos onde os professores poderiam encontrar os livros e alguns deles indicaram outros materiais de referência. Foi bem interessante este momento de trocas.

#### Quarto momento: Prática de contar histórias utilizando os elementos trabalhados na oficina

Após retornamos da pausa, dividimos a turma em dois grupos através da canção “tic tac carambola”. Ao cantar eu apontava aleatoriamente para as pessoas e em determinado trecho do canto encaminhava a pessoa apontada para um grupo, ou o grupo da esquerda (dentro) ou o grupo da direita (fora):

*Tic tac carambola*

*Um de dentro* (encaminhava para a esquerda)

*Um de fora* (encaminhava para a direita)

O grupo de “dentro” recebeu o conto “Obaluaê é proibido de viver junto com os outros orixás” e o grupo de “fora”<sup>22</sup> recebeu o conto “Obaluaê tem as feridas transformadas em pipoca por Iansã”<sup>23</sup>. Cada grupo dispôs de 10 minutos para ler, combinar e criar sua própria maneira de recontar a história para a turma, em seguida apresentaram. Fizemos uma avaliação bem parecida com a história anterior, a partir da mesma pergunta: Vocês conseguiram construir a imagem dessa casinha? Identificaram na contação os elementos que trabalhamos?

Foi interessante perceber como cada grupo assimilou os elementos trabalhados em sala de aula, utilizando a corporeidade, necessária ao professor de qualquer área para socializar conhecimento e envolver os alunos na temática trabalhada; a ação vocal que foge da voz utilizada no cotidiano, possibilitando outra escuta para o ouvinte e mostram-se envolvidos com o corpo todo, desmistificando que para expressar-se teatralmente é preciso ter dom ou vocação. O teatro quando inserido na educação vem mostrar que todos são capazes de expressar usando de artifícios ou técnicas que podem ser desenvolvidos.

#### Quinto momento: avaliação da oficina e apresentação de duas contações de histórias

Para finalizarmos o dia nos assentamos em roda e conversamos sobre a vivência. Durante esta avaliação, alguns professores pontuaram o quanto precisam estudar sobre culturas africanas e afro-brasileiras uma professora relatou “a cada oficina eu percebo o quanto eu preciso estudar e o quanto eu não sei nada de África e Afro-Brasilidade”, apontando um problema já apresentado neste trabalho. Outra professora avaliou “como é importante

---

<sup>22</sup> Confira o mito no ANEXO A.

<sup>23</sup> Confira o mito no ANEXO B.



falarmos da religião também né, por que ela guarda muito dos mitos e é importante apresentar outro lugar de fala para os alunos, por que muitos são evangélicos e já recebem qualquer coisa relacionada a religiões afro com resistência, só falar qualquer coisa que chamam de macumba”, diante desse relato outro professor constatou “como é importante desconstruir alguns conceitos que estão impregnados nos alunos, como o conceito de macumba, por exemplo, precisamos apresentar a etnologia das palavras. E apresentar a influência dessas culturas no nosso dia-a-dia, por que existem palavras que usamos em nosso dia-a-dia que são de origem africanas. Vi aqui que levar os mitos e relacionar com o nosso cotidiano é importante”.

Questionados sobre a relação dos mitos de Obaluaê com o cotidiano escolar outra professora disse “o superior da história, no nosso caso nós professores, não visualizou a situação do excluído, do que sofreu racismo ou desrespeito religioso, ele olhou para os outros e tentando ver todos como iguais e excluiu mais o que se sentia excluído, às vezes a gente faz isso na escola né”, foi interessante a colocação dela, aqui relembro a fala da Makota Cássia, quando ela diz da importância do professor conhecer seus alunos e não tratá-lo como iguais, já que cada um traz consigo uma história, um costume e ninguém é igual, “percebo que os mitos contribuem muito para nós trabalharmos diversos temas na sala de aula,” disse um outro professor, o mito aqui, além de apresentar um olhar de determinado povo sobre um evento também se apresenta como possibilidade de colocar os problemas da relações em sala de aula em pauta. Abaixo o depoimento de um professor após participar de todas as oficinas e que acredito dialogar bastante com a proposta da ação:

Primeiramente, acredito que qualquer interação entre educadores já é válida para repensarmos nossa atuação em sala de aula. Achei que as oficinas iriam apenas me instrumentalizar na contação de histórias. Entretanto, as atividades foram além disso. Sinto que toda minha prática didática foi influenciada. Desde a simples divisão de grupos até uma atividade mais complexa de contação, pude rever minha atuação em sala com outros olhos. Aprendi que, em sala, apenas a voz não é suficiente. O corpo fala e deve ser usado, lecionar é contar histórias. Ou seja, podemos romantizar e trazer um quê de magia para as aulas. Além disso, as histórias contadas em sala podem servir de alegorias para problemas relacionados à turma ou à escola. Tais histórias podem servir de iniciação para discussões e reflexões.

Outro ponto importante das oficinas é a discussão e acesso a outras culturas. A escola parece não ter espaço para se conhecer outras crenças, rituais, ideologias. Logo, é importante que nós, professores, tenhamos acesso a tal tipo de conhecimento para podermos levá-los para nossos alunos e expandir seus conhecimentos.

Vejo que trabalhar os mitos africanos e afro-brasileiros em sala de aula é uma possibilidade de apresentar o negro de outro modo, desconstruindo a imagem de que “negro é

escravizado”, através das mitologias apresentamos divindades poderosas, resistentes, astutas e cheias de aventuras e desventuras.

Finalizamos a avaliação e a oficina com duas contações de histórias dos bolsistas de extensão, tendo por objetivo apresentar aos professores o trabalho do Projeto e também para relembrá-los de que ao final das oficinas cada professor(a) deveria elaborar uma ação na escola em que o “Projeto Contos de Mitologia” pudesse participar contando histórias. Acreditamos que esta ação cria para o professor um processo de mediação Escolas-Universidade, sobretudo instiga a criação de ações pedagógicas que dialoguem com as mitologias trabalhadas. Para finalizar a oficina nos despedirmos cantamos um canto iorubá.

A Oficina de Contação de Histórias foi uma ação que aconteceu dentro de uma sala de aula com professores, e teve por tema a Alteridade, foi uma ação que teve por objetivo promover a reflexão e possibilitar ao professor conhecer ou reconhecer uma das maneiras pelas quais ele pode trabalhar a lei 10.639/03 e o tema Racismo em sala de aula. Reitero aqui a importância do professor e da escola no enfrentamento ao Racismo, visto que práticas racistas estão presentes no dia a dia, no imaginário e nas práticas educativas. Como apresenta Nilma Lino Gomes:

A escola não é um campo neutro, onde, após entrarmos, os conflitos sociais e raciais permanecem do lado de fora. A escola é uma instituição onde convivem conflitos e contradições. O racismo e a discriminação racial, que fazem parte da sociedade brasileira, estão presentes nas relações entre educadores e educandos. (GOMES,1995, p.68)

Nesta passagem, Gomes também ressalta que estes conflitos raciais estão dentro e fora da escola. Como enfrentar o racismo do lado de fora da escola? Como promover debates sobre este tema? Sabemos que o racismo está presente nas relações institucionais, culturais e individuais e que existem diversas ações políticas de promoção à igualdade racial, dentre elas muitas ações afirmativas que vêm gradualmente combatendo e promovendo debates sobre o enfrentamento ao racismo. Enquanto educadora em formação questiono-me: Como desenvolver ações de enfrentamento através da arte teatral? E como dialogar arte e cotidiano nas aulas de teatro?

Percebo que o Racismo Cultural propicia um pensamento de hierarquização de culturas, tornando a cultura branca burguesa como superior, um modelo padrão a ser seguido. Este modelo “Superior e Inferior” produz ramificações binárias “Belo e Feio”, “Inocente e Suspeito”, dentre outras. Os corpos negros são postos como suspeitos, sob o olhar racista

deste modelo. Os corpos negros que antes eram vistos como “sem almas”, “sem histórias”, corpos que precisam ser “branqueados” são vistos como corpos que precisam ser “exterminados”.

Atualmente, no Brasil, acontece um genocídio, declarado pelo Movimento Negro como “genocídio da juventude negra”, estão exterminando os jovens negros. Diante disso, eu enquanto jovem que vem vencendo as estatísticas e pesquisando práticas pedagógicas que possam efetivar a lei 10.639/03 e o enfrentamento Racismo, realizei em parceria com tantos outros jovens uma ação intitulada “Corpos Negros na Savassi”, que tem por objetivo denunciar este genocídio e provocar debates sobre. Segue no próximo capítulo como esta ação foi realizada.

## 5 - INTERVENÇÃO CORPOS NEGROS NA SAVASSI

A intervenção urbana “Corpos Negros na Savassi” foi um projeto elaborado por mim dentro da disciplina “Projetos Especiais em Educação”, ministrada pelo professor Ricardo Figueiredo, no curso de licenciatura em Teatro da Escola de Belas Artes da UFMG no primeiro semestre de 2015. Este mesmo Projeto foi apresentado como proposta de ação de extensão no Projeto “Literatura Afro-Brasileira em Foco” em parceria com o Projeto “Contos de Mitologia” e contou com a participação de artistas da cidade, pedagogos, estudantes de teatro, advogados e estudantes de direito e design.

O objetivo da Intervenção “Corpos Negros na Savassi” foi denunciar o Racismo e o genocídio da juventude Negra na data eleita para “comemorar” a falsa Abolição. A dinâmica da intervenção ocorreu do seguinte modo: os corpos negros caminham pelos quatro pontos da Praça da Savassi e em alguns momentos estes corpos caem no chão e são demarcados com giz. No centro da imagem demarcada são colados lambes com dados estatísticos do Mapa da Violência, letras de *rap*, estatísticas de jornais e frases dos próprios interventores e para finalizar a intervenção o grupo de interventores junta-se e elege um corpo para ser carregado pelos quatro pontos da praça.

O desejo desta ação foi representar os corpos de centenas de jovens negros mortos; a demarcação fez alusão ao procedimento da perícia policial; as quedas, trabalhadas em ritmos e qualidades de movimentos distintas, visavam simbolizar o exato momento em que o jovem tem a vida ceifada; os lambes denunciavam os dados estáticos e eram colados assim que o corpo do interventor saía a fim de mostrar que o corpo que caía imediatamente se tornava um número e o grupo carregando o corpo simbolizava um cortejo/velório.

A ideia da intervenção surge durante o processo de criação do espetáculo “Paradeiro”<sup>24</sup> e durante as aulas do professor Ricardo Figueiredo, quando assisti pela segunda vez o filme *Quanto vale ou é por Quilo?*, do diretor Sérgio Bianchi, filme inspirado no texto “Pai contra mãe” de Machado de Assis. Interessante ver no filme e no conto que a democracia racial no Brasil realmente é um mito porque os negros sofrem com discriminação racial, preconceito e racismo nas práticas cotidianas e institucionais. Não existe democracia racial no

---

<sup>24</sup> Espetáculo de teatro de rua da Tirana Cia de Teatro, da qual sou integrante. A Tirana Cia de Teatro surge dentro do curso de formação de atores do Teatro Universitário em 2008 e monta no ano de 2015 o espetáculo “Paradeiro” que tem como tema central pessoas desaparecidas, durante a pesquisa para a montagem da peça conheci o “Movimento das mães de Maio” da cidade de São Paulo. O movimento é composto por mães e familiares que tiveram os filhos mortos ou dados como desaparecidos por policiais militares durante o mês de maio de 2006.

país, haja vista as estatísticas que seguem abaixo, um dos muitos exemplos de que democracia racial aqui é mito. Como mulher-jovem-negra-favelada-lésbica-artista que sobrevive e luta para sobreviver às estatísticas, no auge de meu empoderamento estético, político e social escrevo o Projeto de Intervenção “Corpos Negros na Savassi”.

Como suporte teórico do Mapa da Violência de 2014<sup>25</sup> e a partir do conceito de intervenção urbana, entendida como: “expressão artística de quem dialoga e confronta modos de vida nas grandes cidades (...) a intervenção urbana pode ser um modo de revelar e resistir ao racismo” (ANDRÉ, 2011).

Corroboramos os dizeres de Nilma Lino Gomes sobre Racismo:

O racismo é, por um lado, um comportamento, uma ação resultante da aversão, por vezes, do ódio, em relação a pessoas que possuem um pertencimento racial observável por meio de sinais, tais como: cor da pele, tipo de cabelo, etc. Ele é por outro lado um conjunto de ideias e imagens referente aos grupos humanos que acreditam na existência de raças superiores e inferiores. O racismo também resulta da vontade de se impor uma verdade ou uma crença particular como única e verdadeira. (GOMES, 2008, p.14)

A fim de denunciar o Racismo que vem matando jovens negros, “O racismo – com seu poder de corte, de segregação social – gera medo com a presença do outro. Quase todos se tornam suspeitos” (ANDRÉ, p.430,2011) escolhi o espaço da Praça da Savassi, zona sul de Belo Horizonte, região considerada área nobre da cidade, como o local da intervenção. Este espaço é considerado um local de lazer para a classe média alta, onde grande parte dos negros que transitam é do proletariado e trabalha na região, frequentando este espaço geralmente no horário do almoço e transitando ali no horário comercial. Neste espaço onde impera a estética não negra, os negros são postos em suspeita ou vistos como “exóticos”, sob os olhares racistas e preconceituosos.

A intervenção teve o desafio de interferir no cotidiano daquele espaço e daqueles transeuntes. Trabalhando no limiar da arte e cotidiano, os corpos negros que trazem em seus traços um discurso de resistência, corpos que carregam suas próprias histórias e a história de seus ancestrais ocupando as ruas do Bairro Savassi a fim de detonar um urro muitas vezes reprimido, sem o interesse de segregar e sim denunciar o racismo que mata, também de forma silenciosa.

---

<sup>25</sup> “Trata-se de pesquisas com dados secundários realizadas periodicamente com foco na problemática da juventude e a violência. O primeiro mapa foi realizado em 1998 e já foram divulgados 27 estudos. Inicialmente cada dois anos, posteriormente anual e, desde 2011, mais de um a cada ano. O foco global é sempre violência letal relacionada com a juventude, mas com abordagens temáticas diferenciadas: mulher, América Latina, acidentes de trânsito, infância e adolescência, armas de fogo, novas tendências etc. Em 2014, o foco foi Os Jovens do Brasil.” (WASELFSZ, 2014)

As estatísticas apresentadas no Mapa da Violência de 2014 e a grande maioria das manchetes de jornais comprovam: existe um genocídio da juventude negra no Brasil. De acordo com os dados do Mapa da Violência em 2002, houve uma queda de 24,8% de homicídios brancos e um crescimento de 38,7% de homicídios negros. Morrem neste período proporcionalmente 73% mais negros que brancos, já em 2012 as taxas de vitimização branca caem 28,6% e negras 6,5%, morrendo proporcionalmente 79,9% mais negros que não negros. As pesquisas divulgadas pela UNICEF em 2009 denunciam que os jovens negros têm risco quase três vezes maior de serem executados em comparação com os não negros.

No Jornal *O Tempo* de Belo Horizonte, do dia 8 de maio de 2015, a manchete estampada era: “Jovens Negros têm 2,5 vezes mais risco de serem mortos”. A matéria apresentava o quadro bem conhecido dos moradores das periferias brasileiras.

Durante o mês de maio de 2006, no estado de São Paulo, foram mortos ou declarados desaparecidos após abordagem policial, aproximadamente 493 pessoas, destas 400 eram jovens negros pobres, um massacre no mês em que se comemora a falsa “Abolição”. Falsa porque a abolição não significou a integração do negro na sociedade, os escravizados foram libertos sem nenhuma condição para sobreviver e sem direito a cidadania. O dia 13 de maio é entendido pelos Movimentos Negros como um dia de enfrentamento ao racismo, como diz em uma entrevista a ex-ministra da Secretária de Políticas de Promoção a Igualdade Racial – (SEPPIR) Luiza Bairros:

Essa data é, desde o início dos anos 80, considerada pelo movimento negro como um dia nacional de luta contra o racismo. Exatamente para chamar atenção da sociedade para mostrar que a abolição legal da escravidão não garantiu condições reais de participação na sociedade para a população negra no Brasil. (LUIZA BAIROS 2011)

Por este motivo opto em tratar o assunto Racismo no dia 13 de maio através de uma intervenção urbana. Escolho a intervenção urbana porque além de um processo artístico e político, a intervenção também pode se tornar um processo educacional, uma transgressão a metodologias que comumente são usadas dentro da sala de aula (ANDRÉ, 2007). É possível trabalhar pedagogicamente através da intervenção a história da desigualdade racial, o branqueamento da sociedade brasileira e promover o debate sobre estas questões. Além de possibilitar também a conscientização corporal e a história que os corpos trazem, afinal qual a história de cada um? Utilizamos na intervenção o corpo, que no período escravocrata era coisificado e tratado como mercadoria, corpo este considerado “sem alma” pela igreja católica, corpo torturado e como diz a rapper Izallú “Nossos traços faciais são como letras de

um documento, que mantém vivo o maior crime de todos os tempos”. Nossos traços indicam nossa origem, como entender minha história a partir de meus traços? A intervenção urbana denuncia, provoca, é uma arte de resistência, propõe e interage, uma linguagem teatral que possibilita trabalhar em sala de aula e em espaços urbanos a lei 10.639/03

A pesquisadora Carminda Mendes André aponta a intervenção urbana como uma “Ação que interfere no ambiente sócio cultural onde estão instalados os dispositivos de poder” (2007, p.69, grifo meu). Ainda segundo a pesquisadora “é como ação que a arte é levada às ruas para interagir com um público” (2007, p.16) a presença da arte na rua revela o potencial discurso que pode transformar a rua em um espaço de encontro para reivindicar direitos e denunciar situações político-sociais e a rua é o principal ponto de ofensas e maus tratos contra negros, segundo dados apresentados no livro *Zumbi somos nós: cartografia do racismo para o jovem urbano*.

Ir para as ruas do Bairro Savassi é um ato artístico-político-militante-reacionário num espaço onde, diversos dos participantes da intervenção, relatou viver situações de racismo velado. Desse modo, ir para as ruas da Savassi é apontar, denunciar os olhares racistas que interferem nos corpos negros, que por vezes são alvos de piadas e comentários pejorativos, quando não são vistos como seres exóticos e objetificados. Ir para as ruas da Savassi também é questionar: Por que a arte de rua não ocupa este lugar? Onde está o grafite? Os artistas de rua? Os movimentos urbanos de dança e teatro de rua? Por que a Praça da Savassi não é um lugar para arte negra?

Participaram da Primeira Intervenção, em 2015, 19 pessoas, entre interventores, apoio jurídico, caso houvesse alguma abordagem policial, apoio para colar os lambes e fotógrafos.

Na Segunda Intervenção, em 2016, participaram 16 pessoas. Para agregar pessoas e elaborar a proposta foi criado um grupo em uma rede social, onde foram trocados artigos<sup>26</sup>, fotografias, vídeos<sup>27</sup> e relatos que contribuíram para a discussão da temática. Este grupo na época contava com 50 membros, trocamos muito via internet, mas para desenvolvermos a ideia da ação nos reunimos uma única vez, devido os vários compromissos, compareceram a reunião seis pessoas que juntas pensaram na ação de demarcação e colação de lambes. Esta ideia foi partilhada no grupo virtual e aderida. A intervenção aconteceu no dia 13 de maio de 2015 às 12h e no dia 13 de maio de 2016 às 18h.

---

<sup>26</sup> Artigos: Teatro e Resistência (ou Rua, espaço de Trocas), Arte, Biopolítica e Resistência, ambos de Carminda Mendes André, A contribuição dos africanos na formação cultural brasileira e o teatro negro de Rosilda Figueiredo Magalhães, dentre outros.

<sup>27</sup> Documentário Mães de Maio.

Em 2015, durante a execução da intervenção ouvimos de uma senhora branca: “Agora os pretos estão subindo pra cá? Copiam tudo que se faz nos Estados Unidos”, além de risadas e olhares de estranhamento. Em 2016, na conjuntura política que o país vive, uma senhora branca se aproximou de mim, assim que eu caí no chão e perguntou se eu estava passando mal, diante de minha negativa, insistiu que poderia chamar uma ambulância. Disse a ela que eu estava ali representando os meus e resistindo as estatísticas, imediatamente ela começou a agredir-me com palavras, chamou a polícia e começou a gritar que era um absurdo aquilo, tudo isso por causa da Dilminha, referindo-se à presidenta Dilma. Eu dei continuidade à ação e demarqueei meu corpo, os policiais ouviram a senhora e riram, porém acompanharam toda a intervenção, ficaram de longe observando. A vivência foi tão impactante para os interventores, que alguns deles escreveram relatos, que apresento abaixo:

Sobre o Ato achei muito importante, o deslocamento do que é comum para quem porventura não vivencia de perto. Os sentimentos foram vários, meus e das pessoas que ali passavam e foram afetadas. O meu Afeto foi mesmo de um arrepio ao riscar meu corpo ora ali assassinado. Enquanto riscava outros corpos me afetava o pensamento de capitão do mato, eu de pele negra herdeiro de um sistema escravocrata. Que, risca o corpo tem lá seus “privilégios” como capitães do mato. Já colar o lambe tive um outro afeto, do quem contextualiza de quem marca a cena e explica indignado, e na cabeça só vinha... “Tá lá o corpo estendido no chão” fazendo parte de uma cruel estatística. Já para os que passavam percebi os afetos... o que passa? Ah sim isso acontece... Alguns olhares conformados em entender, outros olhares sem saber, e outros digerindo. Ficou para mim a necessidade de continuar deslocando os olhares viciados na correria cotidiana. E penso que nesse aspecto a ação serviu para isso, deslocar olhares acostumados e que naturaliza. Ficou também a necessidade de fazer em outros espaços mais populares, outras praças para confrontar esses olhares. E de toda a forma o choque, o impacto, o deslocamento foi o fio condutor da ação tanto dos que dela “ilustraram”, quanto os que dela foram surpreendidos.

(RODRIGO CORRÊA – INTERVENÇÃO 2015)

Uma intervenção que rasgou aquele espaço tipicamente elitista, capitalista e preconceituoso visto algumas intervenções de pessoas como o sr. que interpelou a Rainy<sup>28</sup>, o rapaz que conversou com o Santone querendo insistentemente tachar a intervenção como partidária, mas também uma senhora, negra por sinal, que estava passando e que acompanhou toda performance e no final chegou até mim e agradeceu pelo que tinha visto e apresentado.

(ELIEZER SAMPAIO – INTERVENÇÃO 2016)

13 de maio de 2016. 128 anos da “Abolição” da Escravidão. Sexta-feira 13. 1º dia do Governo Interino. Um 13 de maio marcado pela extinção de uma série de símbolos sociais conquistados na Nova República, vide os Ministérios da Igualdade Racial e das Mulheres, fato que atinge diretamente as minorias, melhor dizendo, a maioria dos negros, periféricos e mulheres. Os corpos que gritaram e desfilaram negrura na Savassi no dia da Lei ofereceram ao público-passante outras possibilidades de pensar este significante – corpo negro – que vão além da visão estereotipada massivamente difundida no e pelo imaginário coletivo (branco): o

---

<sup>28</sup> Um senhor não negro questionou a ação: - uai, estão matando jovens negros? A interventora Rainy respondeu que acontece um genocídio da juventude negra no Brasil. O senhor responde: também eles acham que agora podem se relacionar com as mulheres brancas e não tem genocídio é tudo bala perdida, têm que morrer mesmo.



corpo negro é lugar de resistência social e cultural, é memória viva e pulsante, é beleza.  
(SORAYA MARTINS – INTERVENÇÃO 2016)

Penso que estes relatos trazem a tona o grito e sensações que nos atravessaram e ecoam ainda. Carregamos em nossos corpos uma herança do período escravagista e quanto mais escuro o tom da pele mais forte incide as dores do racismo, eu que tenho a tez mais clara sei que existem situações que eu nunca passei, dores que eu não vivi. Pra mim é difícil descrever as sensações que permearam meu corpo/mente durante a intervenção, mas arrisco dizer que, em 2015, meu corpo naquele momento não era um, eram vários e várias histórias que estavam representadas em meu corpo, senti-me representado os que vieram antes de mim e também os que virão depois de mim.

Já em 2016, a intervenção mexeu muito comigo, quando já finalizávamos a ação um rapaz negro, que aparentava uns 35 anos se aproximou de mim e perguntou o que estávamos fazendo, ele já acompanhava a intervenção há algum tempo. Eu falei “estamos falando disso” e aponte para um lambe que estava colado no chão, ele me olhou e respondeu “eu não sei ler moça”, eu fiquei sem reação, ali naquele contexto, na Savassi, encontrar uma pessoa negra que não sabia ler era algo forte, daí eu li o lambe “De dez jovens mortos, sete são negros”, ele me respondeu “eu sou prova viva disso”, levantou a camisa e mostrou marcas de tiro e cicatrizes, prosseguiu “eu moro aqui nas ruas há 20 anos, e já vi muita gente morrer”, eu fiquei parada olhando pra ele, alguns interventores estavam próximos e ouviram o diálogo, eu respirei fundo, e engasgada pela emoção perguntei “Qual seu nome?” e ele respondeu “Jessé” e seguiu andando. Apesar de ter avós analfabetas, alguns tios somente com séries iniciais e ter perdido vários parentes para a violência policial e do tráfico, eu naquele momento fiquei atônita, a estatísticas tomou forma, cor, fala e se materializou em minha frente. Pude perceber que a ação reverberou nele também, penso que se sentiu representado, tão representado que sua fala pra mim foi um eco da ação, ali a intervenção, enquanto arte que intervém no cotidiano, foi atravessada pela realidade.

Alguns dias após a intervenção, recebi uma mensagem via rede social de uma moça que viu os lambes, fotografou e através das informações que constava em um dos lambes (nome e profissão de uma das interventoras) ela conseguiu me encontrar e mandou um relato, que segue anexo a este trabalho. Neste relato e na fala de Jessé, pude perceber que a intervenção é uma ação que pode provocar o debate, a conscientização e, sobretudo, funcionar como uma das diversas maneiras de implementação da lei 10.639/03 juntamente com metodologias teatrais.

## 6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante esse “catar folhas” fui atravessada por diversas indagações, muitas ainda não respondidas, algumas mudaram com o tempo. Percebo que as perguntas mudaram, porque eu também mudei. O encontro com professores, mestres, colegas de turma, o reencontro com minha ancestralidade, todos estes encontros possibilitaram um encontro comigo mesma, com minhas raízes e hoje sinto a necessidade de produzir ações para os que virão depois de mim, visto que hoje eu só estou aqui realizando uma pesquisa sobre temática negra dentro de uma universidade federal, porque vieram muitos antes de mim que lutaram e abriram este caminho. Há muito trabalho pela frente, muitas indagações em mim: Como trabalhar com a lei 10.639/03 nas aulas de teatro? Como fugir do ensino tradicional que legitima apenas os saberes da cultura dominante branca? Como os professores estão sendo formados para trabalhar com questões raciais no cotidiano escolar? Como eu posso ser uma professora que instiga, propicia ações que descolonizem os pensamentos e que possibilita alunos negros a empoderar-se?

Percebo que durante minha trajetória acadêmica encontrei algumas ações que me apontam caminhos para estes questionamentos. Durante a disciplina “Catar Folhas: Saberes do Povo de Axé” fui identificando novas epistemologias, possibilidades de desconstruir e descolonizar meus pensamentos. Eu me vi e vi minha mãe, avós e mulheres importantes da minha vida representadas naquelas mestras e mestre. Repito, eu precisei estar dentro de uma disciplina da universidade para ver e entender que os saberes populares de minhas ancestrais eram legítimos, eu que hierarquizava os saberes, elegendo o saber científico como mais importante. Eu, com pensamento impregnado da Ideologia do Branqueamento, fui atravessada por cada canto da Mestra Pedrina, por cada erva apresentada pela Mametu Munhandê e por cada história narrada por Pai Ricardo, O desafio que ficou em mim foi: como transformar os saberes tradicionais apreendidos na disciplina em ações pedagógicas? Como pensar nessas práticas sem me apropriar e diminuir a cultura? Como lidar com esses conhecimentos que não estão em livros, teses, métodos? São ensinamentos que são vivências, estão impregnados no corpo-carne-espírito são um modo de vida e de ver o mundo.

Já no Projeto de Extensão eu consegui adquirir conhecimento sobre mitologias, textos literários e sobre a lei através de referências e bibliografias, embora a relação com o coordenador Marcos Alexandre e com os outros colegas de extensão também tenha me ensinado muito. Foi com estas pessoas e neste projeto que pude experienciar ações docentes

que tinham por objetivo implementar a lei 10.639/03, eu fui aluna e condutora, eu conheci os mitos e os recontei, acredito que aqui é possível relacionar a função do professor com a função griot, como me instigou o professor Marcos durante uma palestra sobre literatura Afro-Brasileira, eu pude aprender e repassar um saber através da contação de histórias. No Projeto de Extensão eu li e ouvi histórias que me despertaram para a minha própria história, foi um período de constatação e aprendizado, um momento em que me entendo como produtora de histórias e almejo despertar, através do ato de recontar mitos africanos e afro-brasileiros, despertar nos ouvintes uma faísca de curiosidade e encantamento, sobretudo de representatividade para os alunos e outros ouvintes negros, para que possam se ver representados nas forças das divindades, reis e rainhas negras(os). Penso que o projeto de extensão e as formações transversais foram essenciais para minha formação, já que, como eu relatei ao longo deste trabalho, a matriz curricular do meu curso não contempla nenhuma disciplina sobre educação étnico-racial. Reconheço a dificuldade dos professores em trabalharem com esta temática, muitos não tiveram formação nesta área, assim como foi relatado pelos professores na “Oficina de Contação de Histórias”. É preciso mudar isso, o curso de Teatro da Escola de Belas Artes precisa realizar ações para mudar isso.

Vejo a Oficina de Contação de Histórias como uma ação muito importante dentro do Projeto de Extensão, haja vista o grande desafio de criar ações de formação para professores, ir para as escolas como contra partida desta oficina também é uma ação importante, porque estreita os laços da universidade com as escolas públicas e, sobretudo, instiga os professores a trabalharem um planejamento que contemple as mitologias e a lei 10.639/03. É preciso tirar a lei do papel e fazer valer a luta do Movimento Negro. Penso que ir para a rua com a intervenção urbana “Corpos Negros na Savassi” também é um ato importante no que diz respeito ao enfrentamento ao racismo, principalmente em uma data em que se comemora uma abolição que é falsa. Nós negros ainda lutamos pela liberdade e direito de professar nossa fé, lutamos para nos manter vivos e não nos tornarmos mais um número das estatísticas que apresentam a vulnerabilidade dos jovens negros.

Por fim, constato que o desconhecimento de nossa própria história dificulta a criação de uma identidade afirmativa e conhecer nossos ancestrais na escola através de um olhar estereotipado que apresenta o negro somente como “escravo” faz com que a gente negue a própria história, vamos nos moldando e encaixando na ideologia do branqueamento. Percebo que o trabalho com as mitologias possibilita mudar isso, possibilita a identificação de que não somos descendentes de escravizados, aqueles apresentados a nós como pessoas sem histórias

e, somos descendentes de um povo que foi sequestrado, reis e rainhas, de pessoas que criaram diversas tecnologias que ainda hoje são utilizadas.

Neste sentido, estas vivências apresentadas me proporcionaram o reconhecer-me.

*A sensação de encontro*

*Pele água*

*como se o corpo tocasse um pedacinho do céu*

*pés mergulhados no barro e o rosto entregue a chuva*

*As gotas que escorrem pela face*

*caminham pelo pescoço, nuca, costas, pernas e pés*

*Banha, acalma, abraça, acolhe e vai...*

*Naquele instante sou céu e terra*

*o elo de ligação*

*Xango e Oxum*

*Antes do barro o perfume da terra molhada*

*Água, terra, lama*

*Nanã*

*Dança!*

*Bailar na chuva, sentir a chuva*

*Escorrer, correr, ser ventania de Iansã*

*Deitar e entregar os olhos ao belo arco íris que aponta no céu*

*Chuva finita, mas a beleza de Oxumaré colore a tarde vazia...*

*Menina anseia chuva, anseia dança na chuva...*

*Barquinho de papel brincando na poça que se formou.*

*(Anair Patrícia, 2016)*

## REFERÊNCIAS

IYANIFA IFADARA (IYÁ NYLSIA) do Ilé Asé Ala Ojú Meji Ofá Otun,  
MUIANDÊ (MÃE EFIGÊNIA) e MAKOTA CÁSSIA do Manzo Ngunzo Kaiango  
PAI RICARDO da Casa de Caridade Pai Jacob do Oriente  
PEDRINA LOURDES DOS SANTOS, capitã da Guarda de Moçambique de Nossa Senhora  
das Mercês de Oliveira (MG),

ALEXANDRE, Marcos Antônio (Org.). **Representações performáticas brasileiras**: teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

ALEXANDRE, Marcos Antônio. 2010. **Literatura Afro-Brasileira em Foco**. Projeto de Extensão Universitária - Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Núcleo de Estudos Interdisciplinares da Alteridade. 2016.

ANDRÉ, Carmina Mendes. **Teatro pós-dramático na escola** (inventando espaços: estudos sobre as condições do ensino do teatro em sala de aula). São Paulo: Editora Unesp, 2011.

ARANTES, Durval. **A História africana pode resgatar a autoestima dos afrodescendentes**. Geledés. 26 abr. 2016. Disponível em:  
<<http://www.geledes.org.br/historia-africana-pode-resgatar-autoestima-dos-afrodescendentes/>> Acesso em: 9 jun. 2016.

BARBOSA, Tereza Virgínia Ribeiro. **Contos de Mitologia**. 1998. Projeto de Extensão Universitária - Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Programa Letras e Textos em Ação. Belo Horizonte. 2016.

BARROS, Mariana Leal de. **Narração de mitologias afro-brasileiras na educação infantil: possibilidades de atuação para uma aprendizagem democrática**. Rev. SPAGESP, Ribeirão Preto, v. 13, n. 1, p. 62-78, 2012. Disponível em  
<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-29702012000100008&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702012000100008&lng=pt&nrm=iso)>. Acessos em: 01 jun. 2016.

BRASIL. Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília, 2003. Disponível em:  
<[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/L10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm)> Acesso em: 26 mar. 2016.

COELHO, Wilma de Nazaré Baía. **A cor ausente**. 2ª Ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2009.

DOCUMENTÁRIO: **Africanidades brasileiras e educação**. Diretor de Produção de Conteúdos e Formação em EAD : Demerval Bruzzi. Coordenação Geral da TV Escola: Erico da Silveira. Direção e Edição: Eduardo Nunes. Produção e Pesquisa de Imagens: Valéria Basso. Realização: TV Escola – MEC. Produção TV Brasil. 2008. 53 min. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=MIgSc3zZ4UE>>. Acesso em: 14 abr. 2016.

DOMINGUES, Petrônio José. **Negros de almas brancas?** A ideologia do branqueamento no interior da comunidade negra em São Paulo, 1915-1930. *In: Estudos Afro Asiáticos*. Ano 24, n. 3, 2002. (p. 563-599).

FONSECA, Marcus Vinícius; SILVA, Carolina Mostaro Neves de; FERNANDES, Alessandra Borges (Org.). **Relações étnico-raciais e Educação no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2011.

GOMES, Nilma Lino. **A mulher negra que vi de perto:** o processo de construção da identidade racial de professoras negras. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1995.

GOMES, Nilma Lino. **Identidade e corporeidade negras:** reflexões sobre uma experiência de formação de professores(as) para a diversidade étnico-racial. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GOMES, Nilma Lino; SILVA, Patronilha Beatriz Gonçalves. **Experiências étnico-culturais para a formação de professores**. 2ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GOMES, Nilma Lino; **Alguns Termos E Conceitos Presentes No Debate Sobre Relações Raciais No Brasil: Uma Breve Discussão**. Ação Educativa - Formação em Direitos Humanos. 2012. Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/Alguns-terminos-e-conceitos-presentes-no-debate-sobre-Rela%C3%A7%C3%B5es-Raciais-no-Brasil-uma-breve-discuss%C3%A3o.pdf>> Acesso em: 28 mai. 2016.

GOMES, Nilma Lino; **Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.29, n.1, p. 167-182, jan./jun. 2003. Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/Corpo-e-cabelo-como-s%C3%ADmbolos-da-identidade-negra.pdf>> Acesso em 27 mai. 2016.

JOVENS negros têm 2,5 vezes mais risco de serem assassinados. **O Tempo**. Belo Horizonte. 7 mai. 2015. Brasil. Disponível em: <[www.otempo.com.br/capa/brasil/jovens-negros-tem-2-5-vezes-mais-risco-de-serem-assassinados-1.1035129](http://www.otempo.com.br/capa/brasil/jovens-negros-tem-2-5-vezes-mais-risco-de-serem-assassinados-1.1035129)> Acesso em: 10 dez. 2015.

MARTINS, Lêda; **Afrografias da memória:** o reinado do Rosário no Jatobá. São Paulo: Perspectiva: Belo Horizonte: Mazza Edições, 1997.

MOREIRA, Fayga; JARDIM, Gustavo; ZIVIANI, Zivizni. Trabalho colaborativo e em rede com a cultura. In: BARROS, José Márcio; OLIVEIRA, Júnior José de (Orgs.). **Pensar e agir com a cultura:** desafios da gestão cultural. Belo Horizonte: Observatório da Diversidade Cultural, 2011.

MANIFESTO Frente Três de Fevereiro. fev. 2016. Disponível em: <<http://www.frente3defevereiro.com.br/>> Acesso em: 27 mai. 2016.

OLIVEIRA, Kiusam Regina de. **Candomblé de Ketu e educação: estratégias para o empoderamento da mulher negra**. 2008. Tese (Doutorado)-Faculdade de Educação – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em:

<<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-16062008-161253/pt-br.php>>  
Acesso em: mai. 2016.

POR QUE os negros não comemoram o 13 de maio, dia da abolição da escravatura?. Geledes. 13 mai. 2015. Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/por-que-os-negros-nao-comemoram-o-13-de-maio-dia-da-abolicao-da-escravatura/>> Acesso em: 7 jun. 2016.

PRANDI, Reginaldo. Mitologia dos orixás. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.  
QUANTO vale ou é por quilo? Direção: Sérgio Bianchi. Agravo Produções Cinematográficas S/C Ltda. 2005. 104 min. son. color. Disponível em:  
<<https://www.youtube.com/watch?v=fZhaZdCqHg>> Acesso em: 10 dez. 2015.

REVISTA do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, nº 25, 1997. (p. 71 – 81)

SANTANA, Bianca. **Quando me descobri negra**. Ilustração de Mateus Velasco. São Paulo: SESI/SP editora, 2015.

WASELFISZ, Julio Jacobo; **Mapa da Violência 2014: Jovens do Brasil**; Flacso Brasil, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em:  
<[http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2014/Mapa2014\\_JovensBrasil\\_Preliminar.pdf](http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2014/Mapa2014_JovensBrasil_Preliminar.pdf)>  
Acesso em: jun. 2016.

YZALÚ. Mulheres Negras. Interprete: Yzalú. Composição: Eduardo (Facção central).  
Disponível em:< <https://www.vagalume.com.br/yzalu/mulheres-negras.html>> Acesso em: 28 mai. 2016.

## ANEXO A

Mitos retirados do livro “Mitologia dos Orixás” de Reginaldo Prandi:  
**Obaluaê É Proibido De Viver Junto Com Os Outros Orixás**

Quando viviam na Terra,  
os orixás tinham uma convivência fraterna.  
Eles se divertiam e celebravam.  
A vida prosseguia e era boa.  
Um ano, no tempo da colheita de batata-doce,  
os orixás realizavam um festival.  
Uma grande quantidade de vinho-de-palma foi preparada.  
Os orixás comeram, beberam vinho-de-palma e dançaram.  
Somente Obaluaê, que detinha o segredo da varíola, não dançou.  
Tinha uma perna de madeira e movia-se com a ajuda de uma bengala.  
Então ele sentou-se quieto enquanto as festividades prosseguiram.  
Mas, como todos os outros, bebeu bastante vinho-de-palma.  
Eles começaram a rir, falar alto e gargalhar.  
Alguém percebeu que Obaluaê estava sentado solitário,  
isolado e silencioso perto do vinho-de-palma,  
e convidou-o a dançar com eles.  
Mas Obaluaê não quis dançar, preferia estar sozinho,  
Pois se envergonhava de sua perna de pau.  
Os outros continuaram dançando e bebendo.  
Eles começaram a insultar Obaluaê  
porque ele não se juntava a eles.  
Obaluaê não podia mais tolerar os insultos dos orixás.  
Com a ajuda de sua bengala ele se levantou.  
Arrumou sua roupa de modo que cobrisse a perna de pau  
e cuidadosamente se uniu aos dançarinos.  
Ele começou a dançar, mas dançava trôpego.  
Além do mais, tinha bebido muito vinho-de-palma.  
Os outros também estavam bêbados



e ao dançar esbarravam uns nos outros.  
Um dos orixás esbarrrou em Obaluaê  
e Obaluaê caiu estatelado no chão.  
Sua perna de madeira foi exposta e todos viram.  
Os orixás riram e começaram a zombar dele.  
Obaluaê sentiu-se profundamente humilhado  
e a cólera tomou conta dele.  
Então começou a golpear e golpear com seu bastão,  
atingindo vários dos convivas.  
Os orixás foram tomado de surpresa e susto,  
mas tão embriagados estavam  
que não sabiam como proceder.  
Só quando sentiram nas costas os golpes de Obaluaê  
é que começaram a correr.  
Eles fugiram em todas as direções.  
A dança acabou e Obaluaê ficou sozinho no salão.  
Os orixás foram para suas casas.  
Todos os que foram tocados pelo bastão de Obaluaê adoeceram.  
Seus olhos ficaram vermelhos e bexigas espocaram em sua pele.  
As notícias do incidente chegaram aos ouvidos de Obatalá.  
Obatalá ficou bravo.  
Sim, os orixás tinham humilhado Obaluaê indevidamente  
e não deviam ter se comportado assim grosseiramente,  
mas Obaluaê não devia ter feito justiça com as próprias mãos,  
punindo-os com a varíola.  
Por isso Obaluaê devia ser punido também.  
Obatalá foi até a casa de Obaluaê para julgá-lo.  
Obaluaê viu Obatalá se aproximando e fugiu para dentro da mata.  
Ao saber que Obaluaê havia fugido para a mata,  
Obatalá sentenciou que ele devia permanecer lá para sempre,  
Pois não era uma pessoa confiável para viver na comunidade.  
  
Daquela ocasião em diante, Obaluaê viveu sozinho na mata.

Uma vez ou outra ele causa varíola em orixás e humanos.  
Ele é tão temido que as pessoas evitam pronunciar seu nome.  
Elas o insinuam indiretamente, chamado-o “Ile Gbigona”,  
que significa Chão Quente,  
ou “Olode”, Senhor da Vastidão do Mundo.  
Ou simplesmente o chamam de Babá, isto é, Pai.  
Mesmo os seus devotos o temem,  
e quem sabe quem ele tocará seu bastão,  
seu temido xaxará?  
Por isso, diz-se de Obaluaê:  
“Ele fez festa ao pai que está dentro da casa  
e enquanto isso mata o filho que está na entrada”.

## ANEXO B

### **Obaluaê Tem As Feridas Transformadas Em Pipoca Por Iansã**

Chagando de viagem à aldeia onde nascera,  
Obaluaê viu que estava acontecendo  
uma festa com a presença de todos os orixás.  
Obaluaê não podia entrar na festa,  
devido à sua medonha aparência.  
Então ficou espreitando pelas frestas do terreiro.  
Ogum, ao perceber a angústia do orixá,  
cobriu-o com uma roupa de palha que ocultava sua cabeça  
e convidou-o a entrar e aproveitar a alegria dos festejos.  
Apesar de envergonhado, Obaluaê entrou,  
mas ninguém se aproximava dele.  
Iansã tudo acompanhava com rabo de olho.  
Ela compreendia a triste situação de Omulu  
e dele se compadecia.  
Iansã esperou que ele estivesse bem no centro do barracão.  
O xirê estava animado.  
Os orixás dançavam alegremente com suas equedes.  
Iansã chegou então bem perto dele  
E soprou suas roupas feitas de mariô,  
levantando as palhas que cobriam sua pestilência.  
Nesse momento de encanto e ventania,  
as feridas de Obaluaê pularam para o alto,  
transformadas em uma chuva de pipocas,  
que se espelharam brancas pelo barracão.  
Obaluaê, o deus das doenças, transformou-se num jovem,  
num jovem belo e encantador.  
Obaluaê e Iansã tornaram-se grandes amigos  
e reinaram juntos sobre o mundo dos espíritos,  
partilhando o poder único de abrir e interromper  
as demandas dos mortos sobre os homens.

## ANEXO C

### Relato Débora Augusta Rossi Fantini

Atravessando a praça da Savassi cambaleante de sábado à noite, meu passo reto e rápido se detém numa folha de papel A4, colada no espaldar de um banco de granito, com o texto escrito em Times: “Eu quero ver jovens negros vivos”. Era o que eu precisava ler, escutar e falar, para sair do estado em que estava, golpeada. Dois dias antes, em outro quadrante da mesma praça, encerrada a votação do impeachment no Senado, o trio-elétrico do MBL (Movimento Brasil Livre) tocava: “Vai safadão, vai safadão”. No dia seguinte, 13 de maio, o Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos, dentre outros, era extinto, evidenciando a falsa abolição das pessoas africanas negras escravizadas pela elite europeia branca. Naquele sábado, dia 14, eu estava a caminho do show da banda Metá Metá, expressão da língua yoruba que significa “três ao mesmo tempo”, um trio de cordas, Kiko Dinucci, sopro, Thiago França, e voz, Juçara Marçal, que, caso não conheça, é uma cantora negra (seus discos, solo, com o Metá e com outros músicos estão on-line, para serem baixados de graça, escute!). No repertório, músicas de sonoridades marcadamente africanas como *Obá Iná*, do verso “não há justiça se há temor”, e *Samuel*, em que a letra pergunta: “Diz, Samuel, como é que foi / Por que cê nunca veio aqui / Quem te prendeu, quem te impediu / Qual o foi o muro que subiu”? A apresentação, mais que um show, foi um ritual, de afirmação da vida a reverberar: “Eu quero ver jovens negros vivos”. Na manhã do domingo, em nova passagem pela praça, encontro outro cartaz: “Todo camburão tem um pouco de navio negreiro”.

Percebo que se trata de uma série, e cada lambe, cada frase vai me aparecendo num redemoinho, como se um vento tivesse espalhado os papéis. Uns ficaram pelo chão, outros sobre os bancos, páginas de um livro a céu aberto, que se lê de pé, agachada, dançando o caos que revela essa falsa ordem que de fato consiste em tortura e tiro em quem é preto e pobre, medo e silêncio de quem finge não ver o genocídio negro, em especial de jovens, em curso, ainda, em 2016. Esse atordoamento diante de frases que afirmam a VIDA na fronteira com essa morte tão cruel é diferente daquele cambalear da praça, em que o capital e seu consumismo penetra incisivamente na paquera, na amizade, na diversão.

Em contraste com a estética dominante, formada pelas placas nas fachadas das lojas, os outdoors eletrônicos e até mesmo outros lambes, feitos com programas de edição de imagens e impressos em cor, a aparente simplicidade das folhas de papel branco com texto em Times chamam a atenção: “Você sabe o que é genocídio?” Eis a questão, colocada dentro da

silhueta de um corpo desenhado a giz no chão, a palavra em vertiginosa consistência, retomando sua imanência sagrada, esvaziada pelos discursos de ordem oficiais, pelas manchetes de sensacionalismo anestesiante dos jornais, pelo racismo que se insiste em não assumir, penalizar e deixar de praticar.

Em diferentes encontros com lambes, pixações, grafites, pude sentir a performance de quem colou ou escreveu na rua, a presença inicial de seus corpos na urbe, o contato de carne e pedra, o gesto, o movimento. Isso acontece quando o lambe, pixação ou grafite me desperta da anestesia, quando vivemos uma experiência estética. No caso específico destes lambes, em especial aqueles com a frase “Eu quero ver jovens negros vivos”, eu os senti como uma oração. Um conjunto de palavras que expressam um pensamento, um desejo, uma afirmação e têm o poder de colocar tal intenção em movimento: “Eu quero ver jovens negros vivos”.

Em corp’orada, portanto, foi o nome que dei a uma série de fotos que fiz desses lambes, no calor do nosso encontro, e publiquei no meu mural no Facebook. Saí em busca de suas e seus autora/es, tendo como pista o nome de Débora Costa, minha xará, presente em um dos lambes. Descobri então se tratar da intervenção Corpos Negros na Savassi. A todas e todos a/os envolvida/os, a cada jovem negro/a brasileiro/a, desejo vida. E que essas palavras em ato avivem outras ações e fortaleçam a luta.

## ANEXO D

**Foto 1 - Lambe da Intervenção Urbana Corpos Negros na Savassi - 2015**

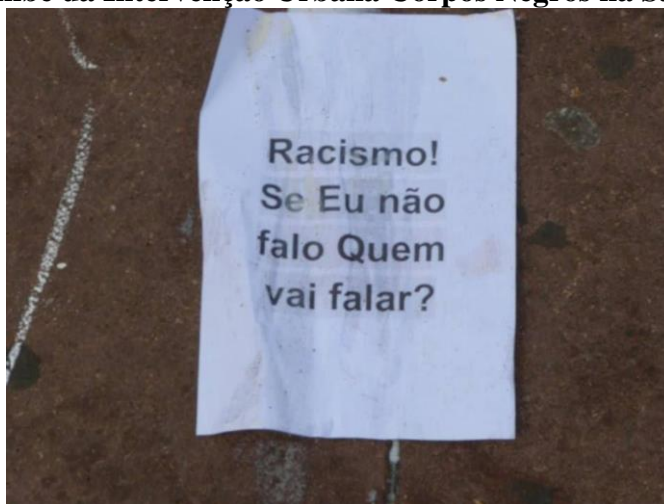


Foto: Marcos Antônio Alexandre

**Foto 2 - Cortejo final da Intervenção Urbana Corpos Negros na Savassi - 2015**



Foto: Antônio Salgado

**Foto 3 - Intervenção Urbana Corpos Negros na Savassi - 2015**



Foto: Marcos Antônio Alexandre

**Foto 4 - Cortejo final da Intervenção Urbana Corpos Negros na Savassi - 2015**



Foto: Antônio Salgado

**Foto 5 - Intervenção Urbana Corpos Negros na Savassi - 2015**



Foto: Marcos Antônio Alexandre

**Foto 6 - Intervenção Urbana Corpos Negros na Savassi 2015**



Foto: Marcos Antônio Alexandre



**Foto 7 – Oficina de Mitologia Iorubá 2016**



Foto: Fabiana Brasil

**Foto 8 – Oficina de Mitologia Iorubá 2016**



Foto: Fabiana Brasil

**Foto 9 – Oficina de Mitologia Iorubá 2016**



Foto: Fabiana Brasil



**Foto 10 – Oficina de Mitologia Iorubá 2016**



Foto: Fabiana Brasil

**Foto 11 – Oficina de Mitologia Iorubá 2016**



Foto: Fabiana Brasil